



LÍNGUA PORTUGUESA

Versão do Aluno

LINGUAGEM E CULTURA

AAA1

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM

Acesse www.mec.gov.br ou ligue 0800 616161



Ministério da Educação



Presidência da República

Ministério da Educação

Secretaria Executiva

Secretaria de Educação Básica

**PROGRAMA GESTÃO DA
APRENDIZAGEM ESCOLAR
GESTAR II**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS
ANOS/SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LÍNGUA PORTUGUESA

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

**LINGUAGEM E CULTURA
VERSÃO DO ALUNO**

Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de
Tecnologias para a Educação Básica

Coordenação Geral de Formação de Professores

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II

Língua Portuguesa

Organizadora

Silviane Bonaccorsi Barbato

Autores

Cátia Regina Braga Martins - AAA4, AAA5 e AAA6
Mestre em Educação
Universidade de Brasília/UnB

Leila Teresinha Simões Rensi - TP5, AAA1 e AAA2
Mestre em Teoria Literária
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP

Maria Antonieta Antunes Cunha - TP1, TP2, TP4, TP6 e AAA3
Doutora em Letras - Língua Portuguesa
Professora Adjunta Aposentada -
Língua Portuguesa - Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

Maria Luiza Monteiro Sales Coroa - TP3, TP5 e TP6
Doutora em Lingüística
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP
Professora Adjunta - Lingüística - Instituto de Letras
Universidade de Brasília/UnB

Silviane Bonaccorsi Barbato - TP4 e TP6
Doutora em Psicologia
Professora Adjunta - Instituto de Psicologia
Universidade de Brasília/UnB

Guias e Manuais

Autores

Elciene de Oliveira Diniz Barbosa
Especialização em Língua Portuguesa
Universidade Salgado de Oliveira/UNIVERSO

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino
Doutora em Filosofia
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP
Professora Adjunta - Instituto de Psicologia
Universidade de Brasília/UnB

Paola Maluceli Lins
Mestre em Lingüística
Universidade Federal de Pernambuco/UFPE

Ilustrações

Francisco Régis e Tatiana Rivoire

DISTRIBUIÇÃO

SEB - Secretaria de Educação Básica
Eplanada dos Ministérios, Bloco L, 5o Andar, Sala 500
CEP: 70047-900 - Brasília-DF - Brasil

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO PODE SER VENDIDA. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.
QUALQUER PARTE DESTA OBRA PODE SER REPRODUZIDA DESDE QUE CITADA A FONTE.
Todos os direitos reservados ao Ministério da Educação - MEC.

A exatidão das informações e os conceitos e opiniões emitidos são de exclusiva responsabilidade do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC)

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. Língua Portuguesa: Atividades de Apoio à Aprendizagem 1 - AAA1: linguagem e cultura (Versão do Aluno). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
122 p.: il.

1. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar. 2. Língua Portuguesa. 3. Formação de Professores. I. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

**PROGRAMA GESTÃO DA
APRENDIZAGEM ESCOLAR
GESTAR II**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS
ANOS/SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LÍNGUA PORTUGUESA

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

**LINGUAGEM E CULTURA
VERSÃO DO ALUNO**

BRASÍLIA
2008

Sumário

Apresentação	7
Introdução	9
Unidade 1: Variantes lingüísticas: dialetos e registros	13
Aula 1: Uma estranha passageira.....	15
Aula 2: Sociedade, cultura, língua.....	18
Aula 3: A gíria.....	22
Aula 4: O dialeto popular.....	25
Aula 5: A propaganda.....	28
Aula 6: Uma fábula moderna.....	29
Aula 7: Uma crônica bem-humorada.....	34
Aula 8: Discutindo sobre a língua.....	38
Unidade 2: Variantes lingüísticas: desfazendo equívocos	41
Aula 1: Cada grupo social com seu modo de falar.....	43
Aula 2: Uma mensagem por e-mail.....	47
Aula 3: Entrando na conversa.....	49
Aula 4: O texto literário.....	50
Aula 5: Comparando linguagens.....	52
Aula 6: Minha experiência com livros.....	56
Aula 7: Linguagem vaga.....	59
Aula 8: Existe linguagem “errada”?.....	61
Unidade 3: O texto como centro das experiências no ensino da língua	65
Aula 1: Construindo hipóteses sobre o texto.....	67
Aula 2: Verificando a correção das hipóteses.....	70
Aula 3: Criando um selo de qualidade.....	73
Aula 4: Uma entrevista: dialeto popular.....	75
Aula 5: Suprimindo as marcas de oralidade de um texto.....	79
Aula 6: Um poema de cordel piauiense.....	80
Aula 7: Propaganda: um <i>outdoor</i>	86
Aula 8: Criando um <i>outdoor</i>	89
Unidade 4: A intertextualidade	91
Aula 1: Um texto de memórias.....	93
Aula 2: Intertextualidade: diálogo entre textos.....	98
Aula 3: Paráfrase: dois modos de noticiar o mesmo fato.....	101
Aula 4: Paródia: Branca de Neve.....	104
Aula 5: Paródias de provérbios.....	107
Aula 6: Ponto de vista.....	113
Aula 7: Quem conta um conto, aumenta um ponto.....	115
Aula 8: Uma semana e vários pontos de vista.....	118

Apresentação

Caro Professor, cara Professora,

Este é o primeiro caderno de Atividades de Apoio à Aprendizagem em Língua Portuguesa. Ele foi elaborado a partir do conteúdo do caderno de Teoria e Prática 1, que trata de Linguagem e Cultura. Esperamos que as aulas aqui planejadas sejam úteis ao desenvolvimento do seu trabalho com Língua Portuguesa em sala de aula.

O caderno inclui quatro unidades. Cada uma é composta de oito aulas, cujo ponto de partida é o texto, apresentado com variedade de gêneros. As atividades propostas foram elaboradas com a finalidade de contribuir para a aprendizagem dos conteúdos abordados no caderno de Teoria e Prática e o desenvolvimento de habilidades a eles relacionadas. Para isso, procuramos selecionar textos que revelam a riqueza dos traços regionais da cultura de nosso povo e planejar atividades diversificadas que contemplem a variedade das preferências dos alunos do Ensino Fundamental II.

Para que este caderno contribua efetivamente para o melhor resultado possível no trabalho com os alunos, o professor deverá conhecer o conjunto referente a cada unidade e selecionar a aula levando em conta o nível da turma, o conteúdo a ser aprendido e as habilidades a serem desenvolvidas com os alunos. As aulas de cada unidade poderão ser dadas na seqüência em que aparecem no caderno, ou naquela que o professor julgar mais eficaz tendo em vista a necessidade dos alunos.

Desejamos um bom trabalho a todos, mantendo sempre nossa expectativa de ter contribuído para uma prática pedagógica renovadora.

Introdução

Caro Professor, cara Professora,

Neste caderno propomos atividades de apoio à aprendizagem dos alunos referentes às quatro unidades do caderno de Teoria e Prática 1 de Língua Portuguesa, que abordam, respectivamente, os seguintes assuntos:

- Variantes lingüísticas: dialetos e registros
- Variantes lingüísticas: desfazendo equívocos
- O texto como centro das experiências no ensino da língua
- A intertextualidade

As dificuldades apresentadas pela maioria dos alunos nas várias situações de uso da linguagem indicam a necessidade de trabalhar em sala de aula com atividades que desenvolvam a consciência da variação lingüística e do modo como as variantes se efetivam na interação cotidiana, assim como promovam a familiaridade com o texto oral e escrito de gêneros diversos.

Nas aulas propostas, o texto é sempre o elemento deflagrador das atividades de leitura e produção de textos, análise e descrição da língua. Tais atividades incluem questões críticas que estimulam os alunos a discutir temas relacionando-os ao contexto sócio-cultural em que vivem.

Na Unidade 1, as atividades sugeridas têm como objetivo desenvolver no aluno as seguintes habilidades:

- Fazer predições sobre o texto;
- Apresentar relatos orais;
- Interpretar textos diversos, que apresentem variedade de temas e dialetos;
- Perceber a interdependência entre sociedade, cultura e língua;
- Perceber a propriedade comunicativa do dialeto popular;
- Entender o conceito e a função da gíria na interação comunicativa;
- Perceber que a publicidade é reveladora dos costumes de época;
- Criar texto publicitário;
- Entender a noção de paródia;
- Participar de discussão e apresentar argumentos;
- Relatar oralmente conclusões de grupo.

As atividades propostas na Unidade 1 tomam como base dois pressupostos essenciais: a língua expressa a cultura dos sujeitos e dos grupos; elas apresentam variações no tempo e no espaço dando origem aos dialetos e aos registros.

As atividades da Unidade 2 retomam e ampliam o tema central da primeira unidade e procuram desenvolver no aluno estas habilidades:

- Analisar o uso de diferentes variedades lingüísticas;
- Analisar e compreender o efeito do uso da variedade não padrão;
- Produzir textos: *e-mails*, bilhetes, cartas curtas;
- Perceber alguns aspectos da norma ortográfica;
- Comparar textos de gêneros diferentes e identificar, dentre eles, os literários;
- Identificar algumas características do texto literário;
- Elaborar relato escrito;
- Identificar diferentes efeitos de recursos lingüísticos em textos orais e escritos;
- Elaborar opiniões escritas sobre questões polêmicas envolvendo uso de registro lingüístico.

As aulas sugeridas na Unidade 2 apóiam-se nos seguintes conteúdos centrais: caracterização e importância da norma culta; a liberdade de criação propiciada pela linguagem literária; as marcas das modalidades escrita e oral da língua.

Na Unidade 3, as atividades têm como foco o desenvolvimento no aluno das habilidades a seguir:

- Aprender os sentidos do texto que apresenta linguagem verbal e imagem;
- Perceber a importância do contexto para a compreensão do texto;
- Criar selo de qualidade para produto industrializado da região em que se situa a escola;
- Identificar marcas de oralidade em texto oral;
- Identificar traços do dialeto social, popular, em texto oral;
- Transformar texto oral em texto escrito;
- Revisar o próprio texto;
- Recontar narrativa oralmente;
- Identificar os recursos lingüísticos e visuais em *outdoor*;
- Discutir temas sociais pertinentes à comunidade;
- Criar *outdoors* com os temas discutidos.

Nesta Unidade, as atividades de apoio estão centradas nos elementos que devem ser enfatizados no trabalho com o texto em sala de aula, seguindo os estudos mais recentes sobre o assunto, e no papel dos interlocutores do texto, com seus objetivos.

Finalmente, na Unidade 4, as aulas propostas buscam desenvolver no aluno as habilidades listadas:

- Entender o conceito de intertextualidade;

- Reconhecer a intertextualidade em fatos do cotidiano, em cantiga de roda e letra de música;
- Entender a noção de paráfrase;
- Parafrasear notícia de jornal e texto em quadrinhos;
- Compreender o conceito de paródia;
- Interpretar paródias de provérbios e identificar matrizes;
- Criar paródia de conto de fadas e de provérbios;
- Compreender o conceito de ponto de vista;
- Reescrever texto mudando o foco narrativo.

Os conteúdos que sustentam as atividades de apoio são: as formas de diálogo entre textos de várias épocas e sua presença no cotidiano e a importância do ponto de vista na interlocução.

Ao final de cada unidade, são apresentadas as respostas esperadas ou possíveis de cada atividade, com o intuito de contribuir para o trabalho do professor.

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

LINGUAGEM E CULTURA

UNIDADE 1

VARIANTES LINGÜÍSTICAS: DIALETOS E REGISTROS

GESTAR AAA1

Aula 1

Uma estranha passageira

Você vai ler um texto cujo título é “A estranha passageira”. Antes, porém, vai fazer previsões sobre ele. Depois da leitura, você poderá compará-las com os significados do texto.

Para fazer as previsões, considere as perguntas abaixo:

A história é mais voltada para a realidade ou para a ficção?

Por que será que a passageira é estranha?

Quem é ela?

É passageira de automóvel? Trem? Navio? Avião?

Quem será o narrador, isto é, quem conta a história?

Será sério esse texto? Ou engraçado? Ou triste?

Para saber, vamos à leitura!

A estranha passageira

1 – O senhor sabe? É a primeira vez que eu viajo de avião. Estou com zero hora de voo – e ri nervosinha, coitada.

2 Depois pediu que eu me sentasse ao seu lado, pois me achava muito calmo e isto iria fazer-lhe bem. Lá se ia a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem. Suspirei e fiz o bacano respondendo que estava às suas ordens.

3 Madama entrou no avião sobraçando um monte de embrulhos, que segurava desajeitadamente. Gorda como era, custou a se encaixar na poltrona e a arrumar todos aqueles pacotes. Depois não sabia como amarrar o cinto e eu tive que realizar essa operação em sua farta cintura.

4 Afinal estava ali pronta para viajar. Os outros passageiros estavam já se divertindo às minhas custas, a zombar do meu embaraço ante as perguntas que aquela senhora me fazia aos berros, como se estivesse em sua casa, entre pessoas íntimas. A coisa foi ficando ridícula.



5 – Para que esse saquinho aqui? – foi a pergunta que fez, num tom de voz que parecia que ela estava no Rio e eu em São Paulo.

6 – É para a senhora usar em caso de necessidade – respondi baixinho.

7 Tenho certeza de que ninguém ouviu minha resposta, mas todos adivinharam qual foi, porque ela arregalou os olhos e exclamou:

8 – Uai... as necessidades neste saquinho? No avião não tem banheiro?

9 Alguns passageiros riram, outros – por fineza – fingiram ignorar o lamentável equívoco da incômoda passageira de primeira viagem. Mas ela era um azougue (embora com tantas carnes parecesse um açougue) e não parava de badalar. Olhava para trás, olhava para cima, mexia na poltrona e quase levou um tombo, quando puxou a alavanca e empurrou o encosto com força, caindo para trás e esparramando embrulhos para todos os lados.

10 O comandante já esquentara os motores e a aeronave estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem. Percebi que minha vizinha de banco apertava os olhos e lia qualquer coisa. Logo veio a pergunta:

11 – Quem é essa tal de emergência que tem uma porta só para ela?

12 Expliquei que emergência não era ninguém, a porta é que era de emergência, isto é, em caso de necessidade, saía-se por ela.

13 Madama sossegou e os outros passageiros já estavam conformados com o término do “show”. Mesmo os que mais se divertiam com ele resolveram abrir os jornais, revistas ou se acomodarem para tirar uma pestana durante a viagem.

14 Foi quando madama deu o último vexame. Olhou pela janela (ela pedira para ficar do lado da janela para ver a paisagem) e gritou:

15 – Puxa vida!!!

16 Todos olharam para ela, inclusive eu. Madama apontou para a janela e disse:

17 – Olha lá embaixo.

18 Eu olhei. E ela acrescentou: – Como nós estamos voando alto, moço. Olha só... o pessoal lá embaixo até parece formiga.

19 Suspirei e lasquei:

20 – Minha senhora, aquilo são formigas mesmo. O avião ainda não levantou vôo.

Preta, Stanislaw Ponte. *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

STANISLAW PONTE PRETA (pseudônimo de Sérgio Porto, 1923-1968). Cronista, escreveu para jornais, rádio e televisão, criando uma galeria de personagens, por meio dos quais satirizava a vida carioca e nacional. Principais obras: *Tia Zulmira e eu*; *Primo Altamirando e elas*; *O festival de besteiras que assola o país*; *Febeapá n° 2*; *Febeapá n° 3*; *O distraído Rosamundo*; *Bonifácio, o patriota*; *País do crioulo doido*; *A máquina de fazer doido*.

Agora que todos conhecem o texto, poderão verificar se as previsões que fizeram sobre ele, antes da leitura, confirmaram-se ou não. O professor vai ouvi-las e anotar no quadro aquelas que se referem aos principais significados do texto.



Atividade 1

Quem não gosta de ouvir ou ler uma história divertida, contada com graça e expressividade?

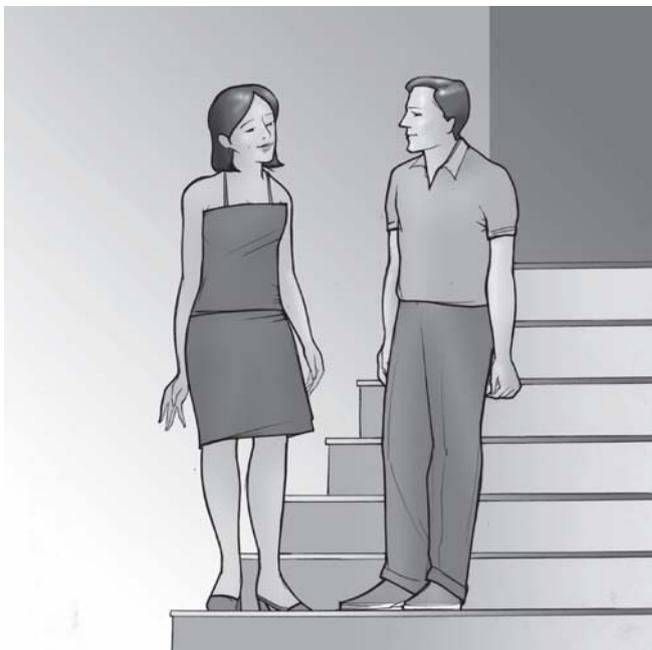
Stanislaw Ponte Preta divertiu seus leitores contando casos com muito humor, como o que você acabou de ler.

E você, conhece alguma anedota, piada ou caso engraçado para contar em classe?

Conte, para que todos dêem boas risadas!

Aula 2

Sociedade, cultura, língua



Quando você conversa com pessoas bem mais velhas, percebe que elas têm um modo de pensar diferente do seu, não é? O mesmo acontece quando você tem informações sobre como vivem pessoas que nasceram e moram em países distantes, com costumes diversos dos nossos. Essas diferenças dependem da cultura, isto é, o conjunto de formas de dizer, pensar e sentir de uma pessoa ou de uma sociedade.

Guarde duas idéias importantes:

1. A cultura muda no decorrer do tempo e depende do lugar: é uma construção social e histórica;

2. A língua é um dos elementos que

expressam fortemente a cultura e que contribuem para transformá-la.

18

Portanto, sociedade, cultura e língua interferem continuamente uma na outra.

Você vai ler um texto, publicado pouco antes do novo Código Civil, que é um exemplo do que afirmamos.

Sabe o que é o Código Civil? É um conjunto de leis que se referem às pessoas e às atividades essenciais que fazem parte da sociedade humana. O Código Civil inclui todas as normas consagradas ao longo do tempo, podendo, no entanto, modificá-las para se adequarem à mudança dos costumes e às necessidades sociais. O Código Civil seria uma espécie de “Constituição do Homem Comum”.

Agora, leia o texto.

O Código Civil de 1916, que entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 1917, privilegiou claramente o masculino, como era uso ao seu tempo. O pai era o chefe da sociedade conjugal, a mulher casada era relativamente incapaz, a gerência e a administração dos bens eram do marido e havia longuíssima enumeração dos requisitos do dote, constituído pela noiva, por seus pais ou por estranhos, a ser administrado exclusivamente pelo marido. O dote poderia compreender todos os bens da noiva na data do casamento e os que ela, no futuro, viesse a adquirir. (...)

Algumas discriminações foram desaparecendo ao longo do tempo, como aconteceu com a chefia absoluta da sociedade conjugal, extinta em 1962. As discriminações sociais resistiram muito para desaparecer. A mulher preferia suportar os defeitos do esposo a deixá-lo, pois era ela quem quase sempre pagava pelo peso social de ser, como se dizia, “largada do marido”.

O preconceito, porém, não terminava aí. A palavra *homem* foi tomada na lei brasileira durante grande parte do século 20 como significando a pessoa titular de direitos, enfim, o ser humano. A rigor, continuará a existir até o fim deste ano, quando terminará a vigência do código de 1916, cujo artigo 2º diz: “Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil.” (...)

As mudanças que começarão a vigor em 1º de janeiro próximo eliminaram expressões impróprias e discriminadoras. Assim, o artigo 1º passará a dizer que “toda pessoa é capaz de direitos e deveres na ordem civil”. O critério para a capacidade civil é o mesmo para homens e mulheres.(...)

O novo artigo 1565 dirá tudo a respeito da igualdade no casamento. O homem e a mulher serão “consortes, companheiros e responsáveis pelos encargos da família”. Nem mesmo substituirá a tradicionalíssima imposição de a mulher adotar o nome de família do marido ou, no máximo, manter o nome de solteira. A contar do ano que vem, qualquer dos noivos, querendo, poderá acrescentar o sobrenome do outro ao seu. Seja o dele, seja o dela.

(...)

Ceneviva, Walter. “Código Civil amenizará diferenças de sexo”.
Folha de S. Paulo, Cad. Cotidiano, seção Letras Jurídicas, 17/08/2002, p. 2.

Antes das atividades escritas, o professor vai propor a discussão de um assunto ligado ao texto. Colabore, dando sua opinião.



Atividade 1

Antes de procurar entender o texto, preste atenção à informação que vem imediatamente após ele: quem o escreveu, título, qual é o suporte (livro, revista, jornal, folheto, *site*, etc.), seção e data de publicação.

a) Qual é o título do texto?

b) O novo Código Civil entrou em vigor em 1º de janeiro de 2003, portanto, o fato já aconteceu. Por que então o verbo do título está no futuro?

c) Em que tipo de suporte o artigo foi publicado?

d) A que área do conhecimento o texto pertence?

e) Qual é o dialeto usado pelo autor? Por que ele é adequado?



Atividade 2

O texto refere-se à discriminação no Código Civil. De que tipo?



Atividade 3

Como a linguagem do Código Civil de 1916 exprimia tal preconceito?



Atividade 4

De 1916 para cá, o modo de entender o papel da mulher na sociedade mudou. Encontre no texto um exemplo de que a língua acompanha a mudança de costumes.



Atividade 5

Pense na comunidade em que você vive. É difícil, talvez mesmo impossível, existir alguma em que pessoas não façam discriminações de nenhuma espécie. Você sabe que a linguagem “mostra” a discriminação, os preconceitos de quem a usa. Liste as palavras ou expressões da linguagem oral que exprimem os preconceitos existentes na sua comunidade. Participe da conversa que o professor vai propor sobre essa questão.

Aula 3

A gíria

Nossa língua é a portuguesa, mas ela tem variações, isto é, cada grupo social fala de um jeito próprio, de acordo com a região em que mora, idade, nível social, sexo, profissão. Essas variações são chamadas **dialetos**.

Por vezes, o dialeto é usado por um grupo fechado, por exemplo, o dos surfistas, dos pescadores, dos pagodeiros, dos caminhoneiros, etc. E tem palavras que são conhecidas e entendidas apenas por quem pertence ao grupo. Essa linguagem é chamada de gíria.

A gíria é usada na linguagem coloquial falada, por adultos e crianças.

Veja trechos do livro *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, em que a menina Raquel usa muitas gírias:

“Levei uns cascudos que eu vou te contar. (...) fui cedo pra cama porque vi logo que ia dar galho. (...) Fui dormir na maior fossa de ser criança podendo tão bem ser gente grande.” (p.14)

“Mas não era música antiga não: era uma música tão quente que todo o mundo ficou ligado e deixou tudo que tava fazendo pra ir pro meio da casa dançar. Faziam uns passos bacanas, riam, cantavam, cada um curtindo a farra mais que o outro.” (p.9)

Nunes, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. 32 ed., Rio de Janeiro: Agir, 2000.

22

Agora, você vai responder às perguntas abaixo:



Atividade 1

a) Grife os termos de gíria.

b) Você considera que esses termos são adequados à fala da menina? Por quê?



Atividade 2

Várias expressões que inicialmente faziam parte da gíria podem passar a ser usadas na linguagem comum. Observe as expressões a seguir, que fazem parte da gíria dos surfistas.

Aê: saudação

Animal: surfista agressivo

Bacalhau: mulher feia

Batida: manobra em que se acerta a crista da onda com a parte de baixo da prancha

Brother, brô: forma de tratamento entre surfistas

Cabeludo: mar perigoso

Casca-grossa: surfista experiente, que não teme ondas grandes

Fissura: vontade de fazer algo

Maria-parafina: garota que gosta de surfistas

Marreca: onda pequena

Pagar mico: passar vergonha

Tomar vaca: levar um tombo

Você já deve ter ouvido algumas das gírias acima, usadas por gente que não é surfista e com sentido igual ou muito próximo ao da lista. Que expressões são essas?



Atividade 3

23

Você é capaz de entender o texto abaixo?

Aqui no grupo a gente só quer turbinado. Roda-presa e Zé-sujinho não têm vez. No tapetão preto, o negócio é manter o bruto na mão certa e ser amigo do João-de-barro. E na hora de fazer apanha, saber muito bem se é coisa honesta, que não vai dar bode. E tem que ser companheiro: na hora de parar pra comer um produto, se o irmão caminhar não tem pra inteirar a conta, tem que ajudar ele.

a) A que grupo profissional pertence o autor do texto?

b) Qual é o assunto do texto?

c) Que dialeto é usado?

d) Talvez você não entenda todas as gírias do texto. No entanto, reescreva-o “traduzindo” os termos que conseguir e usando o dialeto formal. No momento dos comentários, você terá a oportunidade de conferir a resposta com o professor.

Aula 4

O dialeto popular

Zé da Luz é um poeta paraibano. Ao ler algumas estrofes do poema “Brasí Cabôco”, de sua autoria, você vai perceber que um texto pode ser considerado literatura mesmo que sua linguagem não seja culta:

O qui é Brasí Cabôco?

É um Brasí deferente
Do Brasí das capitá.
É um Brasí brasilêro,
Sem mistura de istrangêro,
Um Brasí nacioná!

É o Brasí qui não veste
Lifirme de gazimira,
Camisa de peito duro,
Cum butuadura de ouro...
Brasí Cabôco só veste,
Camisa grossa de lista,
Carça de brim da “Polista”
Gibão e chapéu de couro!

Brasí Cabôco não come
Assentado nos banquete,
Misturado cum os hôme
De casaca e anelão...
Brasí Cabôco só come
O bode sêco, o feijão,
E as vêz uma paneláda,
Um pirão de carne verde,
Nos dias das inleição,
Quando vai servi de iscáda
Prôs hôme de posição!

Brasí Cabôco não sabe
Fala ingrês nem francês,
Munto meno o português
Qui os outro fala imprestádo...
Brasí Cabôco não iscreve;
Munto má assína o nome
Prá votá, prumóde os hôme
Sê Gunverno e Diputádo!

ZÉ DA LUZ nasceu na cidade paraibana de Itabaiana, em 1904, e morreu no Rio de Janeiro, em 1965. Sobre a leitura de sua poesia, José Lins do Rego disse que é como “escutar o falar arrastado do povo, nos erres comidos, nos eles sem força.” Zé da Luz publicou *Brasil Caboclo* e *O sertão em carne e osso*.



Antes da atividade escrita, o professor vai perguntar o que os alunos acharam do texto, se gostaram, que comentários querem fazer.

Participe ativamente desse momento apresentando suas opiniões.



Atividade 1 _____

Observe o título do poema, citado no enunciado da aula.

a) O poeta usa o dialeto popular. Como ficará o título, se for usado o dialeto culto?

b) O vocabulário do poeta indica traços da cultura nordestina paraibana. Encontre três exemplos no texto.



Atividade 2 _____

De acordo com o poeta, o que é o Brasí Cabôco? Explique com suas palavras.

26



Atividade 3 _____

Vamos ver o que significa a palavra *caboclo* no dicionário?

Leia o verbete:

caboclo **1** (ô). [Do tupi.] S. m. Bras. 1. Mestiço de branco com índio; cariboca, carijó. 2. Antiga denominação do indígena. 3. Caboclo¹ (1) de cor acobreada e cabelos lisos; caburé, tapuio. 4. V. **caipira** (1)...

www.uol.com.br/aurelio

No final do verbete, há uma indicação:

4. V. **caipira**(1)...

A abreviatura **V.** significa **ver**, isto é, o dicionarista sugere que você veja o verbete que traz o vocábulo **caipira**.

Aqui está ele. Leia:

caipira. [De or. controvertida; tupi, poss.] S. 2 g. 1. Bras. S. Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros. [Sin., sendo alguns regionais: *araruama, babaquara, babeco, baiano, baiquara, beira-corgo, beiradeiro, biriba* ou *biriva, botocudo, brocoió, bruaqueiro, caapora, caboclo...*

www.uol.com.br/aurelio

Qual dos sentidos está mais próximo do usado pelo poeta?



Atividade 4

Veja estes versos do poema:

*Brasí Cabôco não sabe
Fala inglês nem francês,
Munto meno o português
Qui os outro fala emprestado...*

a) A que português o poeta se refere quando fala do português que os outros falam emprestado?

b) Então, conclua: qual seria, para o poeta, o português verdadeiro, que não é emprestado?

c) E para você, qual é o português verdadeiro?

Aula 5

A propaganda

Veja o anúncio ao lado, sobre combustível. Como se pode ver pelos créditos, ele foi publicado n' *O Jornal*, no Rio de Janeiro, em 1928.

A propaganda reflete bem os costumes da época. Esse anúncio é bem diferente dos atuais, não é? Olhe-o novamente, prestando atenção aos detalhes. Vamos comparar a propaganda de 1928 com uma de hoje?



7. *O Jornal* (RJ) - 17/09/1928

28



Atividade 1 _____

Em relação à imagem, que diferenças você pode perceber?



Atividade 2 _____

Em relação à língua, o que você nota?



Atividade 3 _____

Que argumento o anunciante usa para convencer o leitor a usar o combustível USGA?



Atividade 4 _____

Se lhe dessem a tarefa de modernizar o anúncio, como você o faria? Descreva a imagem que usaria e escreva o texto correspondente. Não se esqueça: o publicitário sempre tem a intenção de convencer alguém a comprar o que ele anuncia!

Aula 6

Uma fábula moderna

Você sabe o que é fábula? É uma história em que os personagens são animais que agem como se fossem seres humanos. No final, sempre há um ensinamento inspirado pela história e que é chamado “moral”.

O texto a seguir é uma fábula moderna: os personagens que agem são seres humanos e não animais, no entanto, a história termina com uma moral, tal como as fábulas antigas.

A morte da tartaruga

Millôr Fernandes

O menino foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força. A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. “Cuidado, senão você acorda seu pai”. Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.



Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: — “Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que fazer. Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito”. O pai examinou a situação e propôs: — “Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai.”. O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse: — “Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral”. (Empregou de propósito uma palavra difícil). O menino parou imediatamente de chorar. “Que é funeral?” O pai lhe explicou que era um enterro. “Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário. Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o “Happy-Birth-Day-

To-You” pra tartaruginha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruginha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia em que ela morreu. Isso é que é funeral! Vamos fazer isso?” O garotinho estava com outra cara. “Vamos, papai, vamos! A tartaruginha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela”. Saiu correndo. Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal. “Papai, papai, vem cá, ela está viva!” O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruginha estava andando de novo, normalmente. “Que bom, hein?” — disse — “Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!” “Vamos sim, papai” — disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande — “Eu mato ela”.

MORAL: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.

Fernandes, Millôr. *Fábulas fabulosas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

Millôr Fernandes (1924) é um conhecido humorista brasileiro. Desenvolve suas atividades em vários campos: desenho, teatro, literatura, tradução e jornalismo. Ficou famoso com a página intitulada “O pif-paf”, na antiga revista *O Cruzeiro*. Seus desenhos de humor, publicados nas revistas semanais, sempre fizeram sucesso.



Atividade 1

30

O narrador participa da história como personagem ou apenas conta o que aconteceu?



Atividade 2

O narrador emprega vários diminutivos: menininho, animalzinho, tartaruginha, garotinho, Henriquinho.

a) Os diminutivos indicam o tamanho físico dos seres ou a afetividade com que são vistos na história?

b) Como os seres citados são vistos?



Atividade 3 _____

O modo como o narrador se expressa, isto é, o registro que usa para contar a história, é diferente do utilizado pelos personagens. Neste texto, eles usam o registro informal, pois são íntimos e estão conversando. Como você explica o fato de o registro do narrador ser muito próximo do usado pelos personagens no trecho “A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva!”?



Atividade 4 _____

Os personagens dialogam no texto. Que características da linguagem oral você percebe nesse diálogo?



Atividade 5 _____

Há um trecho em que se lê “A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.” A mãe promete ao menino brinquedos e, em seguida... uma surra. Essa seqüência indica que sentimento da mãe em relação ao menino?



Atividade 6 _____

Ao conversar com o filho, o pai usa a palavra “funeral”, e o narrador avisa que ele empregou de propósito uma palavra difícil.

a) Que palavra fácil ele poderia ter usado e que é sinônimo de “funeral”?

b) Qual a intenção do pai ao usar uma palavra difícil?

c) Ao explicar ao filho como seria o funeral da tartaruga, o pai usa linguagem coloquial, com marcas de oralidade. Quais delas você reconhece?

32

d) Por que o pai usa esse tipo de registro ao falar com o filho?



Atividade 7 _____

O funeral que o pai pretendia organizar era parecido com que tipo de evento? Por que o pai decidiu assim?



Atividade 8 _____

O narrador conta que a mãe mexeu na tartaruga e verificou que ela estava morta. No entanto, essa informação é falsa, pois o animal não havia morrido. Como você explica esse fato?



Atividade 9 _____

Como você entendeu a moral da história?

Aula 7

Uma crônica bem-humorada

O texto que você vai ler é uma crônica bem-humorada, publicada em jornal.

Atualmente, a crônica é um gênero literário que explora qualquer assunto, principalmente os temas do cotidiano. Nela o cronista comenta algum acontecimento ou situação real e atual. Geralmente as crônicas são escritas para serem publicadas em jornais e revistas e, mais tarde, podem ou não ser reunidas em livro. A crônica tem como característica o tom humorístico ou crítico.

Santos nomes em vãos

Drama verídico e gerado por virgulazinhas mal postas, cúmplices de tantas reticências

Raul Drewnick

Praxedes é gramático. Aristarco também. Com esses nomes não podiam ser cantores de rock. Os dois trabalham num jornal – Praxedes despacha as questões à tarde, Aristarco à noite. Um jamais concordou com uma vírgula sequer do outro e é lógico que seja assim. Seguem correntes diversas. A gramática tem isso: é democrática. Permitindo mil versões, dá a quem sustenta uma delas o prazer de vencer.

Praxedes é um santo homem, Aristarco também. Assinam listas, compram rifas, ajudam quem precisa. E são educados. A voz dos dois é mansa, quase um sussurro. Mas que ninguém se atreva a discordar de um pronome colocado por Praxedes. Ou de uma crase posta por Aristarco. Se a conversa ameaça escorregar para os verbos defectivos ou para as partículas apassivadoras, melhor escapar enquanto dá. Porque aí cada um deles desanda a bramar como um leão.

Adversários inconciliáveis, têm um ponto em comum, além da obsessão pela gramática: não são nada populares. Na frente deles, as pessoas ficam inibidas, quase não conversam. Porque nunca sabem se dizem bom-dia ou bons-dias, se meio quilo são quinhentas gramas ou é quinhentas gramas, se é meio-dia e meio ou meio-dia e meia, se nasceram em Santa Rita do Passa Quatro ou dos Passam Quatro.



Para que os dois não se matem, o chefe pôs cada um num horário. Praxedes, mais liberal (vendilhão, segundo Aristarco) trabalha nos suplementos do jornal, que admitem uma linguagem mais solta. Aristarco, mais ortodoxo (quadradão, segundo Praxedes), assume as vírgulas dos editoriais e das páginas de política e de economia.

Cartas de leitores indignados com erros sempre foram a satisfação de um e a desconfiança do outro. Este João Pereira da Silva só pode ser o alter ego do Praxedes, rosna Aristarco. Este Carlos Jonas da Silveira é o Aristarco cuspidor e escarrado.

Sempre estiveram a um passo do quebra-pau. Hoje, para festa dos ignorantes e dos mutiladores do idioma, parece que finalmente vão dar esse passo. É dia de pagamento e eles se encontraram na fila do banco. Um intrigante vem pondo fogo nos dois há já um mês e agora ninguém duvida: nunca saberemos quem é o melhor gramático, mas hoje vamos descobrir quem é mais eficiente no braço.

Aristarco toma a iniciativa. Avança e despeja:

– Seu patife, biltre, poltrão, pusilânime.

Praxedes responde à altura:

– Seu panaca, almofadinha, calhorda, caguincha.

Aristarco mete o dedo no nariz de Praxedes:

– É a vossa genitora!

Praxedes toca o dedo no nariz de Aristarco:

– É a sua mãe!

Engalfinham-se, rolam pelo chão, esmurram-se.

Quando o segurança do banco chega para apartar, é tarde. Praxedes e Aristarco estão desmaiados um sobre o outro, abraçados, como amigos depois de uma bebedeira.

O guarda pergunta à torcida o que aconteceu. Um boy que viu tudo desde o começo explica:

– Pra mim, esses caras não é bom da bola. Eles começaram a falá em estranhero, um estranhô o otro, os dois foram se esquentando, se esquentando, e aí aquele ali, ó, que também fala brasileiro, pôs a mãe no meio. Levô uma bolacha e ficô doido, enfiô o braço no focinho do otro. Aí os dois rolô no chão.

Para sorte do boy, Aristarco e Praxedes continuavam desacordados.

In *O Estado de S. Paulo*, "Caderno 2", 6/mar/88.

RAUL DREWNICK nasceu em 1938. Aos 21 anos começou a trabalhar no jornal *O Estado de S. Paulo*. De 1986 a 1991, escreveu crônicas nesse jornal e, em 1992, na *Veja São Paulo*. Atualmente colabora em várias publicações.



Atividade 1 _____

A linguagem de Praxedes é diferente da de Aristarco.

a) Quem usa um registro mais formal?

b) Praxedes e Aristarco têm posições diferentes em relação à linguagem, e o vocabulário que usam também mostra esse desacordo. Encontre no texto as palavras e expressões que cada um usa para se agredir.

c) Mesmo que você desconheça o sentido das palavras difíceis no diálogo dos gramáticos, você percebe por que foram usadas, não é? Então responda: que intenção tinha Aristarco ao usar as palavras “biltre”, “poltrão”, “pusilânime”? E Praxedes, ao chamar o outro de “almofadinha”, “calhorda”, “caguincha”?

36



Atividade 2 _____

Observe a fala do boy.

a) Por que ele diz que os briguentos “começaram a falá em estrangeiro”?

b) A quem o boy se refere ao apontar “aquele ali, ó, que também fala brasileiro”?



Atividade 3 _____

Qual sua opinião sobre a linguagem do boy: comunicava bem? Ou era incompreensível? Justifique sua idéia.



Atividade 4 _____

Por causa da preocupação exagerada com a gramática, tanto Praxedes quanto Aristarco acabavam por inibir as pessoas com as quais conviviam. E você, fica inibido diante de alguém por razões ligadas ao modo de falar ou escrever? Relate o que lhe acontece nessa situação.

Aula 8

Discutindo sobre a língua

Você leu a crônica de Raul Drewnick, cujo tema é a discussão sobre a língua. Agora você também, juntamente com seu grupo, vai discutir questões ligadas a esse assunto. Conversem e se preparem para apresentar oralmente o(s) ponto(s) de vista.



Atividade 1 _____

As posições de Praxedes e Aristarco sobre a língua portuguesa eram discordantes, tanto que cada um usava um tipo de registro. Vocês acham que existe um registro melhor que outro? O grupo tem uma só opinião ou mais de uma?



Atividade 2 _____

O que é para vocês uma linguagem correta? E uma linguagem antiquada? Existe algum modo de falar que vocês consideram “careta”?

38



Atividade 3 _____

O vocabulário do boy tem gírias, pois ele usa um dialeto popular. Listem dez palavras ou expressões de gíria, usadas por seu grupo. Quando o professor os chamar, vocês deverão exemplificar o uso de cada uma e dar o significado.



Atividade 4 _____

Darcy Ribeiro foi um educador, antropólogo e político brasileiro. Vejam a opinião dele sobre o conhecimento da gramática:

(...) “A gramática é o esqueleto da fala. Assim como você não precisa saber tudo sobre seu esqueleto para andar, não precisa também saber gramática para falar e escrever. Uma pessoa sem esqueleto seria um saco de carne que se levaria daqui para acolá, mas que não poderia mover-se. Uma língua sem gramática é a mesma coisa: se dissolveria. Mas a gramática está embutida lá dentro, para manter as formas lingüísticas. Conhecê-la é matéria e assunto de especialistas.”

Ribeiro, Darcy. *Noções de coisas*. São Paulo: FTD, 1995, p.42.

- a) De acordo com Darcy Ribeiro, qual a função da gramática?
- b) Que comparação ele usa para mostrar a utilidade da gramática?
- c) Levando em conta o texto, que opinião Darcy Ribeiro teria sobre seguinte afirmação: “Só é eficiente a linguagem correta, de acordo com as normas gramaticais”?

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

LINGUAGEM E CULTURA

UNIDADE 2
VARIANTES LINGÜÍSTICAS:
DESFAZENDO EQUÍVOCOS

GESTAR AAA1

Aula 1

Cada grupo social com seu modo de falar

Você já deve ter tido a experiência de dizer A e seu interlocutor entender B, não é? Isso acontece muitas vezes pelo modo como as pessoas pronunciam certas palavras. Os textos a seguir constituem um exemplo desse fato.

Leia o trecho do depoimento transcrito ao lado. Fique atento às falas que estão entre aspas:



“Antes de terminar a Escola Normal, eu trabalhava numa livraria. Um dia, um senhor entrou na loja, se dirigiu a mim no balcão e perguntou: “Aqui tem **orelhão**?”



Atividade 1

Imagine que você é a pessoa que trabalhava na livraria. O que você responderia ao senhor que entrou na loja?

Agora, leia a continuação do trecho:

Eu respondi: “Não, mas logo ali na esquina tem”. Pensava que ele queria telefonar. O freguês olhou para mim, sorrindo, e explicou: “Não. Não é oreião. É o Orelhão, aquele dicionário grande”. Só então eu entendi que ele queria comprar um “Aurelião”, quer dizer, o dicionário do Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira em formato grande...

Esse fragmento que você leu foi narrado por um personagem, criado por Marcos Bagno, no livro *A língua de Eulália*.

MARCOS BAGNO é tradutor, contista, poeta e autor de livros para crianças. Formado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, atualmente é mestre e doutor em Lingüística.



Atividade 2 _____

O que provocou o mal-entendido entre o senhor que entrou na livraria e o rapaz que o atendeu?

44



Atividade 3 _____

Qual sugestão você daria para que esse mal-entendido não ocorresse novamente?



Atividade 4 _____

O modo como pessoas de diferentes grupos sociais falam pode ser assunto de poema. Vamos ler um assim? Antes, preste atenção ao título: **Vício da fala**.

a) Anote suas hipóteses:

- Qual sentido você dá à expressão “vício de fala”?
- O que você acha que ele vai dizer em relação ao tema?

b) Agora ouça o poema.

Vício da fala

Oswald de Andrade

Para dizerem milho dizem *mio*
 Para melhor dizem *mió*
 Para pior *pió*
 Para telha dizem *teia*
 Para telhado dizem *teiado*
 E vão fazendo telhados.

c) Suas hipóteses se confirmaram? Registre suas impressões sobre o poema.



Atividade 5 _____

Quem costuma dizer “mio”, “mió”, “pió”, “teia” e “teiado”?



Atividade 6 _____

Você sabe quem foi Oswald de Andrade?



Atividade 7 _____

Por que você acha que o autor usou duas formas de dizer: *milho/mio*; *melhor/mió*; *pior/pió*; *telha/teia*; *telhado/teiado*?



Atividade 8 _____

Por que no último verso o autor escreve “telhados” e não “teiados”?

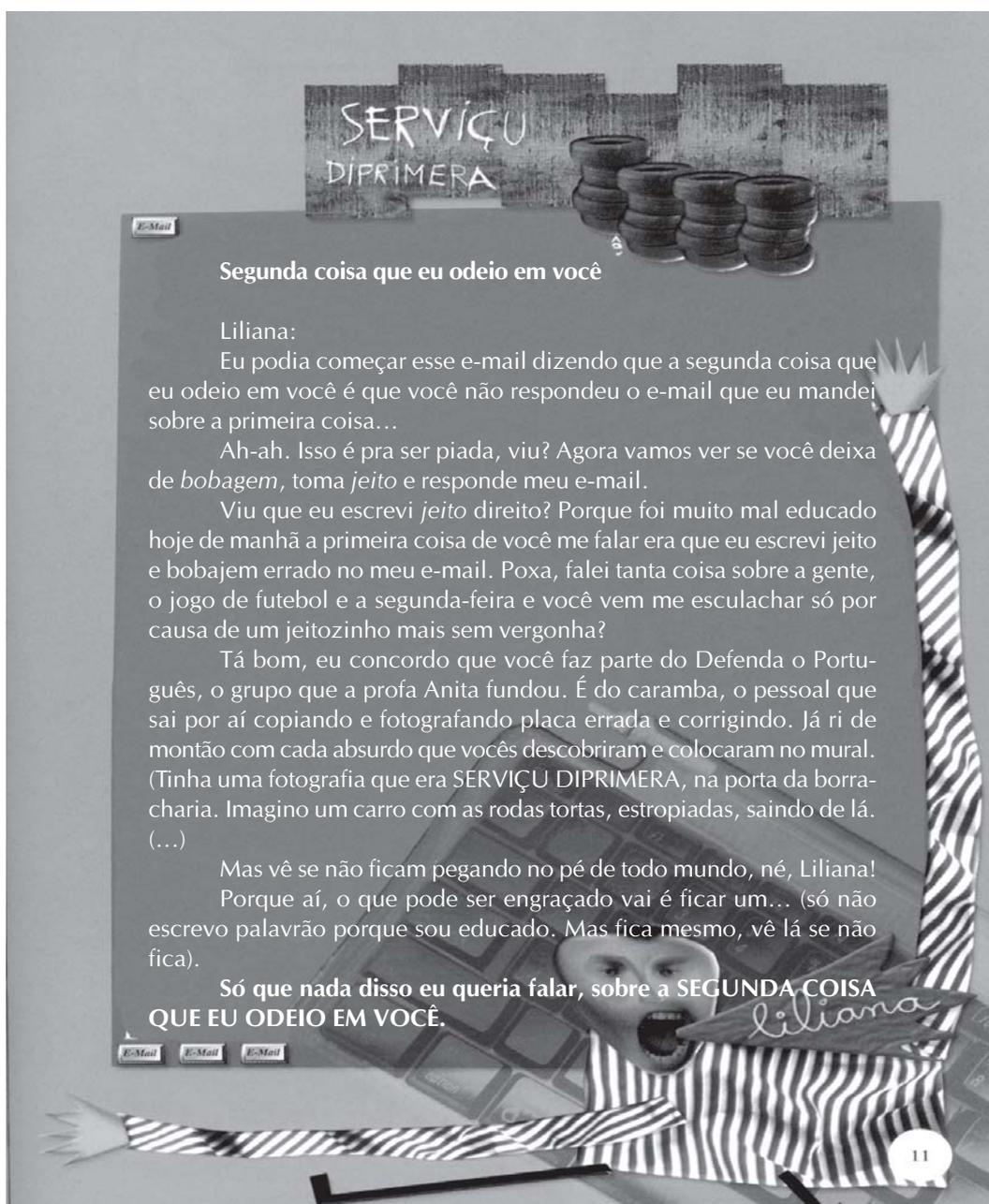
Aula 2

Uma mensagem por e-mail

Você já se correspondeu por *e-mail* com alguém? O que você achou da experiência? Caso nunca tenha mandando um *e-mail*, como acha que deve ser feito?

O livro *9 coisas e-mail que eu odeio em você*, escrito por Márcia Kupstas, reúne mensagens imaginárias escritas pelos personagens criados pela autora. Márcia resolveu escrever o livro a partir da seguinte idéia: “Depois que um adolescente dá um beijo e começa um namoro, como seriam os *e-mails* que ele (ou ela) enviaria a sua (seu) apaixonada (o)?”

Leia abaixo a reprodução de uma das mensagens enviada por Eduardo para Liliana:





Atividade 1 _____

O que mais chamou a atenção de Liliana no *e-mail* enviado por Eduardo?



Atividade 2 _____

Por que Eduardo reclama da atitude de Liliana? Qual trecho do texto justifica sua resposta?



Atividade 3 _____

Releia o comentário de Eduardo sobre a placa SERVIÇO DIPRIMERA. O que ele imagina sobre quem usa uma placa escrita desse modo?



Atividade 4 _____

E você o que pensa a respeito disso?

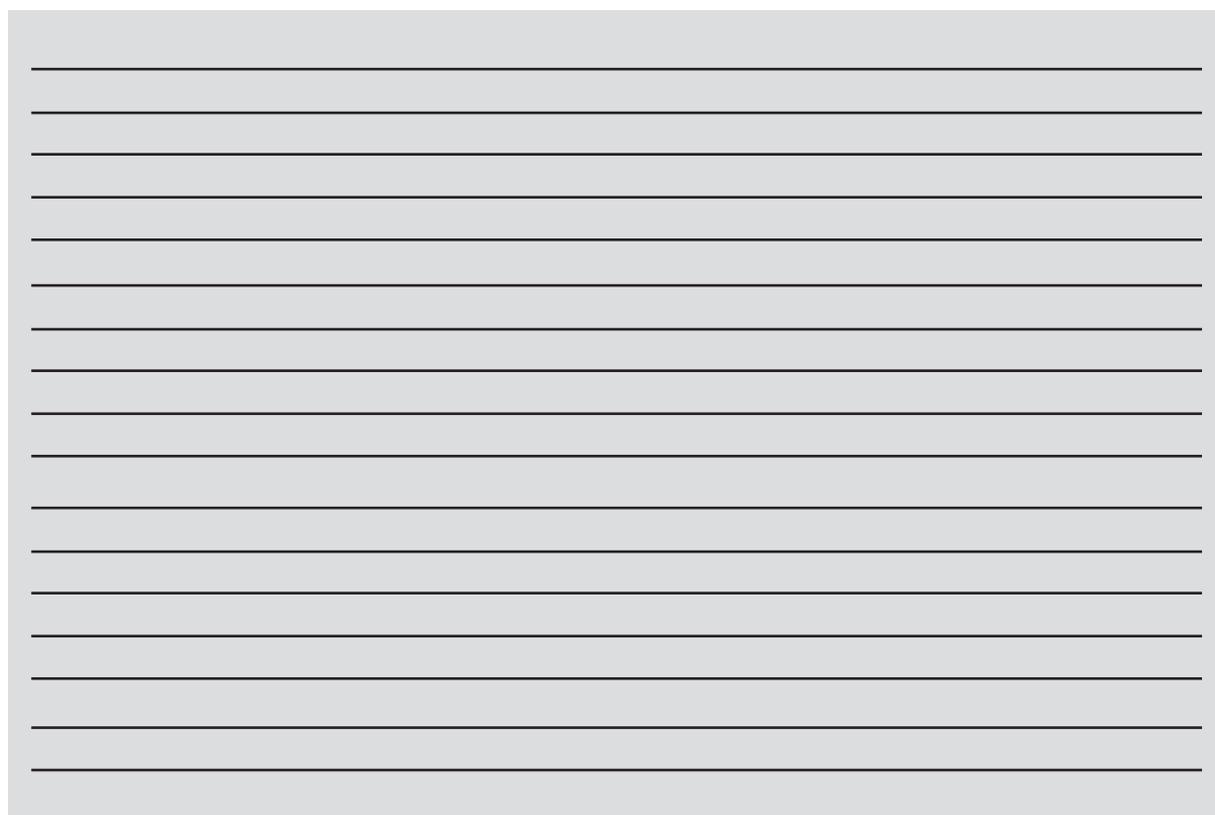
Aula 3

Entrando na conversa

Imagine que, ao enviar a resposta para Liliana, Eduardo enganou-se e encaminhou-a para você. Em vez de simplesmente desconsiderar a mensagem, você resolveu entrar na “conversa”.

Escreva no quadro abaixo o comentário que você mandaria para o Eduardo ou para a Liliana.

Como não será possível enviar sua mensagem para os personagens, você e seus colegas farão a troca e a análise dos comentários entre vocês.



Agora você vai ler a mensagem escrita por um dos seus colegas. Você poderá fazer sugestões, apontar problemas, lacunas. Mas, lembre-se da queixa do Eduardo: não vá esquecer de que o mais importante numa mensagem é ser claro naquilo que a gente quer dizer.

Aula 4

O texto literário

Leia os fragmentos de texto que seguem:

a) **Texto 1**

“1. Reunião de folhas ou cadernos, soltos, cosidos ou por qualquer outra forma presos por um dos lados, e enfeixados ou montados em capa flexível ou rígida. 2. Obra literária, científica ou artística que compõe, em regra, um volume. 3. Seção do texto de uma obra, contida num tomo, e que pode estar dividida em partes: o segundo livro da Eneida...”

(p. 1042)

b) **Texto 2**

Eu nasci aqui no mato
Vivi sempre a trabaia.
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade
Só tive a felicidade
De dá um pequeno ensaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

50

c) **Texto 3**

“Bastian deu-se conta de que durante todo o tempo estivera olhando fixamente o livro que o Sr. Koreander tinha nas mãos e que se encontrava agora sobre a poltrona de couro. Era como se o livro tivesse uma espécie de magnetismo que o atraía irresistivelmente.

Aproximou-se da poltrona, estendeu a mão devagar, e tocou o livro – e no mesmo instante ouviu dentro de si um “clique”, como se tivesse pego em uma ratoeira. Bastian teve a estranha sensação de que aquele toque desencadeara qualquer coisa que agora devia forçosamente seguir seu curso.

Levantou o livro e olhou-o por todos os lados. A capa era de seda cor-de-cobre e brilhava quando ele mudava o livro de posição. Folheando rapidamente o volume, observou que estava impresso em duas cores diferentes. Não parecia ter gravuras, mas as letras que iniciavam os capítulos eram grandes e muito ornamentadas. Examinando melhor a capa, descobriu duas serpentes, uma clara e outra escura, que mordiam uma a cauda da outra, formando uma figura oval. Dentro dessa figura, em letras cuidadosamente traçadas, estava o título...”

d) **Texto 4**

“Para mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo;
Em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada;
inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.”

e) **Texto 5**

“Quem nunca teve uma dúvida? Quem tem todas as respostas guardadas na cabeça? Quem já consultou um dicionário, o famoso “pai-dos-burros”, para descobrir o significado de uma palavra? E quem já conseguiu encontrar a solução de problemas nas páginas de um livro? Pois é justamente isso o que acontece nas páginas deste aqui.

Um desafio – que, de tão difícil, parecia não ter solução – é enfrentado de forma diferente e divertida. E acaba por revelar a um menino, que só pensava em passear com o avô e escutar música, o mundo dos livros e da leitura.”

Agora, vamos conversar:



Atividade 1 _____

De que textos você acha que os trechos foram retirados?



Atividade 2 _____

O que você pode dizer a respeito das características de cada um deles?



Atividade 3 _____

O que há em comum entre os trechos apresentados?



Atividade 4 _____

Qual(is) dos trechos foram extraídos de textos literários? Justifique sua resposta citando algumas características desse(s) texto(s).



Atividade 5 _____

Veja agora a identificação dos trechos dos textos. Você conhece os autores? O que sabe a respeito de cada um deles?

Aula 5

Comparando linguagens

Leia agora na íntegra os textos 2 e 4, apresentados na aula 4:

Texto 2

Aos poetas clássicos

Patativa do Assaré

Eu nasci aqui no mato
Vivi sempre a trabaia.
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade
Só tive a felicidade
De dá um pequeno ensaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

52

No primeiro livro havia
Belas figura na capa,
E no começo se lia:
A pá, o dedo do Papa,
Papa, pia, dedo, dado
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a recordá

Foi os livro de valô
Mais maió que eu vi no mundo
Apenas daquele autô
Li o premero e o segundo:
Mas, porém, esta leitura,
Me tirô da treva escura,
Mostrando o caminho certo,
Bastante me protegeu:
Eu juro que Jesus deu
Sarvação a Felizberto

Texto 4

Livro: a troca

Lygia Bojunga Nunes

Para mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; Em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas.

Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo o dia a minha imaginação comia, comia e comia, e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é a troca da própria vida: quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cisme um dia de alargar a troca: comecei a fabricar Tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com Outros, e levantar a casa onde ela vai morar.





Atividade 1 _____

Você já percebeu que os dois textos falam sobre a relação com os livros. Pela leitura dos textos, como é a relação de cada um dos autores com os livros?



Atividade 2 _____

Compare a linguagem utilizada nos dois textos. O que você pôde observar?



Atividade 3 _____

Com que livros você imagina que a autora do primeiro texto brincava?



Atividade 4 _____

Observe o último trecho do texto de Lygia Bojunga:

“Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeí um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar –uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.”

O que a autora resolveu fazer?



Atividade 5 _____

E no texto de Patativa, que livros são mencionados?



Atividade 6 _____

Observe no poema 2:

“O famoso professô
Filisberto de Carvaio”

“Eu juro que Jesus deu
Sarvação a Felizberto”

Por que você acha que o nome do professor foi escrito de duas formas diferentes?



Atividade 7 _____

Como você comentaria cada um dos textos para um colega seu que não os tivesse lido? Escreva um parágrafo para cada um deles. Lembre-se: com seus comentários você deverá convencer seu colega a ler ou não ler os textos.

Quem nunca passou tardes inteiras diante de um livro, com as orelhas ardendo e o cabelo caído sobre o rosto, esquecido de tudo o que o rodeia e sem se dar conta de que está com fome ou com frio...

Quem nunca se escondeu embaixo dos cobertores lendo um livro à luz de uma lanterna, depois de o pai ou a mãe ou qualquer outro adulto lhe ter apagado a luz, com o argumento bem-intencionado de que já é hora de ir para a cama, pois no dia seguinte é preciso levantar cedo...

Quem nunca chorou, às escondidas ou na frente de todo mundo, lágrimas amargas porque uma história maravilhosa chegou ao fim e é preciso dizer adeus às personagens na companhia das quais se viveram tantas aventuras, que foram amadas e admiradas, pelas quais se temeu ou ansiou, e sem cuja companhia a vida parece vazia e sem sentido...

Quem não conhece tudo isto por experiência própria provavelmente não poderá compreender o que Bastian fez em seguida..."



Aula 7

Linguagem vaga

Leia um texto divertido de Millôr Fernandes:

A Vaguidão Específica

As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago específica."

(Richard Gehman)

– Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.

– Junto com as outras?

– Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer qualquer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.

– Sim senhora. Olha, o homem está aí.

– Aquele de quando choveu?

– Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.

– Que é que você disse a ele?

– Eu disse pra ele continuar.

– Ele já começou?

– Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.

– É bom?

– Mais ou menos. Mas o outro eu acho melhor.

– Você trouxe tudo pra cima?

– Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou pra deixar até a véspera.

– Mas traga, traga. Na ocasião, nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.

– Está bem, vou ver como.





Atividade 1 _____

Quem você imagina que são as interlocutoras nessa conversa?



Atividade 2 _____

Sobre o que você acha que elas estão conversando?



Atividade 3 _____

60 É possível dizer com certeza a que coisas, pessoas ou fatos elas se referem? Por quê?



Atividade 4 _____

Quais são as palavras utilizadas no texto para substituir as coisas ou pessoas?



Atividade 5 _____

Imagine que você assiste à cena mencionada no texto. Seria possível identificar as pessoas, fatos, objetos? Por quê?

Aula 8

Existe linguagem “errada”?

O título da matéria de capa da revista *Educação*, publicada em março de 2003, é o seguinte:

O PORTUGUÊS DE LULA É UM MAU EXEMPLO?

O texto é de Josué Machado. Ele comenta a polêmica sobre o mau exemplo que Lula poderia representar para o ensino de língua em nossas escolas. Ao longo do seu texto, o autor recorre a depoimentos tanto de professores, gramáticos e outros profissionais que atuam principalmente na pesquisa ou ensino da língua quanto de empresários.

Você vai ler agora alguns desses depoimentos.

Procure observar com atenção o que pensa cada um dos entrevistados e quais são as justificativas que eles usam para suas opiniões.

a)

Falar mal, o caminho da exclusão



Aceitar os erros de português, valorizando os usos e costumes orais, é justificável academicamente – e, no caso brasileiro, tornou-se uma questão da esfera politicamente correta desde que Luiz Inácio Lula da Silva virou presidente da República, sem deixar de tropeçar em concordâncias gramaticais.

Pega mal – muito mal, aliás – abordar criticamente os deslizes primários de Lula na norma culta. Rebatem-se as críticas em considerações sobre o preconceito, falta de respeito com o “povo”, insensibilidade social. O problema é que, para o cidadão comum, não existe anistia gramatical; o mercado profissional e o ambiente educacional não perdoam.

Goste-se ou não, para prosperar num emprego, o indivíduo é obrigado a falar corretamente, pelo menos sem erros vexaminosos; é algo parecido com se vestir adequadamente. Já na seleção profissional, os entrevistadores medem o candidato pela capacidade de articulação e expressão. É o primeiro quesito eliminatório.

(...)

Não falar bem, escorregando em normas básicas, é uma defasagem aos olhos de quem emprega e de quem aprova nos testes escolares. É tão grave, na lógica do mercado, quanto não lidar com os códigos culturais e digitais contemporâneos. Faz parte do caminho da exclusão.

Gilberto Dimenstein, jornalista e membro do Conselho Editorial da *Folha de S.Paulo*.

b)

“Ninguém fala errado, todo mundo fala o idioma usado em sua comunidade. Lula usava uma linguagem informal dependendo de seu público. E mudava esse nível quando falava para auditórios. Não vai haver mudança no ensino da língua com o Lula ou qualquer outro presidente, de maior ou menor bagagem intelectual. O Lula, se não atingiu esse conhecimento pela escolaridade, o fez pelo contato. Pode-se questionar o conteúdo do que ele fala, não a forma.”

Evanildo Bechara, professor, membro da Academia Brasileira de Letras

c)

“Lula já cometeu mais deslizes, ainda comete alguns, que professores também cometem. FHC, que usava um registro mais formal teria, então, influenciado crianças de Norte a Sul do país. Xuxa falava tudo com “x” – mães e educadores ficaram preocupados, mas não houve interferência nenhuma. Não votei no Lula, não sou do PT, posso falar com tranquilidade. A linguagem é algo em constante transformação, não um apanhado de exemplos.”

Maria Thereza Fraga Rocco, vice-diretora executiva da Fuvest e professora de português da USP.

62

d)

“O estudante precisa ter uma preocupação muito grande com a maneira como ele fala. Acho que depende da empresa. Se for em uma área mais rebuscada, talvez houvesse uma certa dificuldade na contratação de alguém que fale como Lula. Se for uma empresa de comunicação informal, não há problema. Mas ele não seria aceito em qualquer empresa. É diferente do FHC, mais formal, mais distante. O Lula é da massa, é um português para o povo.”

Márcia Regina Hipólito, coordenadora institucional da central de estágios Gelre



Atividade 1

Qual dos quatro comentários expressa uma opinião mais próxima da sua? Por quê?



Atividade 2 _____

A seguir, transcrevemos um trecho de cada um dos comentários que você acabou de ler.

Juntamente com seu grupo, você vai reler as frases e escolher uma para discutir com seus colegas.

- a) “O problema é que, para o cidadão comum, não existe anistia gramatical; o mercado profissional e o ambiente educacional não perdoam.”
- b) “Ninguém fala errado, todo mundo fala o idioma usado em sua comunidade.”
- c) “A linguagem é algo em constante transformação, não um apanhado de exemplos.”
- d) “O estudante precisa ter uma preocupação muito grande com a maneira como ele fala.”



Atividade 3 _____

Seu grupo já escolheu o trecho a ser comentado? Então participe da escolha de um dos componentes do grupo para tomar nota das opiniões.



Atividade 4 _____

Participe dessa conversa: dê sua opinião, ouça a dos colegas. No momento de escrever, contribua para que as opiniões de todos os componentes sejam consideradas.



Atividade 5 _____

Ao ouvir os comentários sobre os demais trechos, mantenha uma atitude de colaboração e respeito.

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

LINGUAGEM E CULTURA

UNIDADE 3
O TEXTO COMO CENTRO DAS
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DA LÍNGUA

GESTAR AAA1

Aula 1

Construindo hipóteses sobre o texto

Observe a imagem abaixo. Trata-se de um texto construído com duas linguagens: a verbal, formada por palavras, e a não verbal, constituída por linhas e cores.



Folha de S. Paulo. Suplemento Equilíbrio, 31/10/2002, p.7.

Olhe com atenção a imagem. Perceba seu formato, assim como o desenho interno e as palavras que aí aparecem.



Atividade 1 _____

Pela impressão visual que essa imagem lhe causou, o que você acha que ela representa?



Atividade 2 _____

Que características da imagem levaram você a dar essa resposta?



Atividade 3 _____

O que representa o desenho no interior do círculo?



Atividade 4 _____

A cor predominante na imagem é o marrom claro. Por que você acha que o autor escolheu essa cor?



Atividade 5 _____

Na figura está escrito ABICAB. O que você pensa que essa palavra significa? Em que se baseou para ter essa opinião?



Atividade 6 _____

Qual lhe parece ser a finalidade dessa imagem?



Atividade 7 _____

Que tipo de leitor o texto procura atingir?



Atividade 8 _____

Qual é o suporte do texto?



Atividade 9 _____

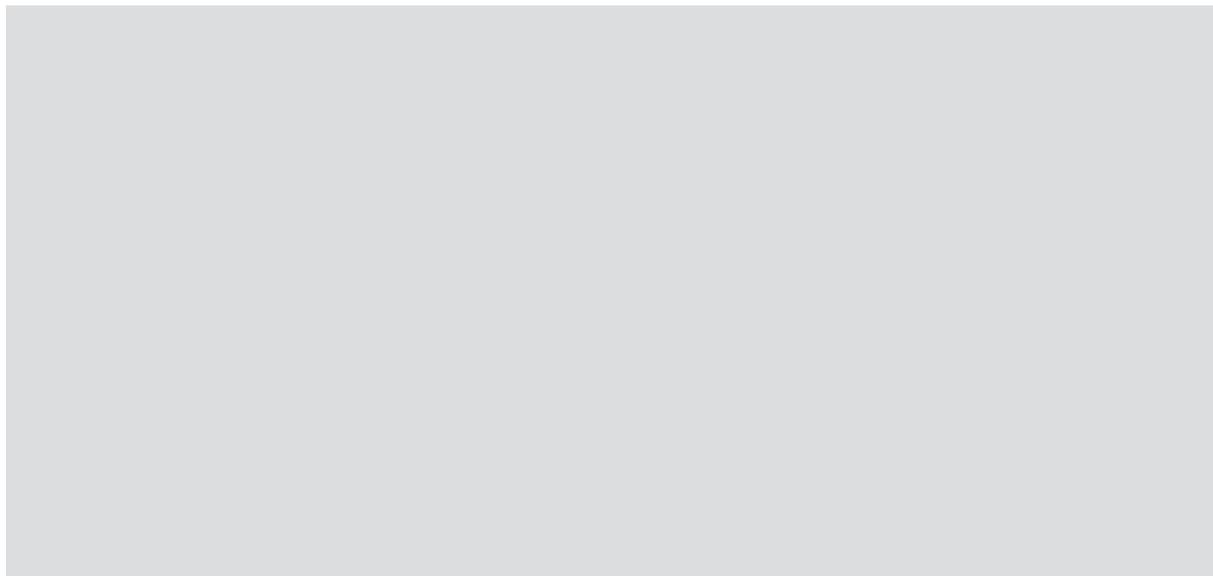
A imagem e a escrita desse texto poderiam ser utilizadas em outros textos que tivessem a mesma finalidade. Que textos você citaria como possíveis?

Aula 2

Verificando a correção das hipóteses

Agora o professor vai escrever na lousa o título e o olho do artigo em que aparece a imagem examinada na aula anterior. Você vai perceber que essas informações são importantes para que você consiga interpretá-la corretamente.

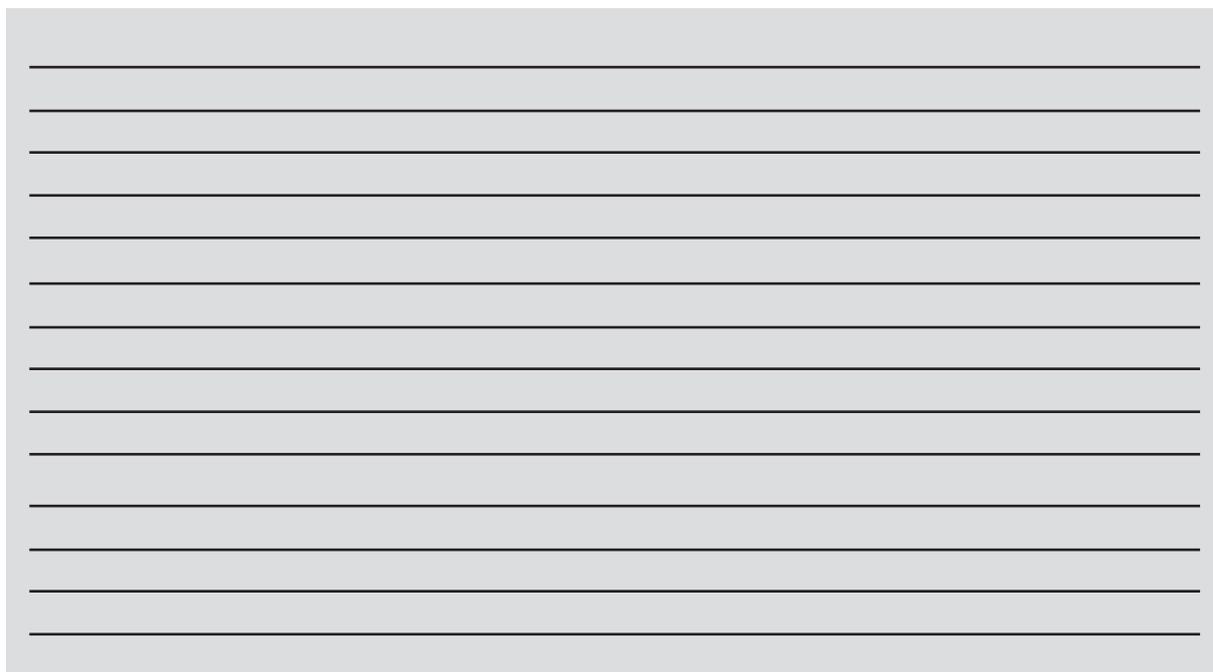
O artigo está em um suplemento de jornal; registre no espaço abaixo o *título* e o *olho*:



70

Detenha-se nas respostas que você deu anteriormente à atividade 1 e compare-as mentalmente com as que você daria agora. Percebeu como as informações que “rodeiam” o texto ajudam a compreendê-lo?

À direita da imagem, há um texto com linguagem apenas verbal. O professor vai registrá-lo na lousa e você, copiá-lo no espaço abaixo:



Vamos ver como você entendeu o texto. Responda às perguntas por escrito, sempre levando em conta todas as informações que você teve até agora.



Atividade 1 _____

A palavra “Amendoim”, no início do texto, parece estar desligada da primeira frase. Ela está desligada mesmo ou não? Explique isso.



Atividade 2 _____

O texto é apresentado em linguagem formal e, sem dúvida, esse nível é adequado ao seu objetivo. Justifique essa afirmação.



Atividade 3 _____

No texto aparece a palavra “toxina”. Você sabe o que significa essa palavra? Se não sabe, que significado você supõe que ela tenha no texto?



Atividade 4 _____

O texto informa que o consumo do amendoim caíra porque a qualidade fora afetada por uma toxina.

Aponte os trechos do texto que indicam, respectivamente, duas necessidades das empresas que industrializam o amendoim:

a) voltar a vender o produto;

b) devolver a confiança do consumidor no produto.



Atividade 5

Quando o locutor não quer ferir o interlocutor ou trazer-lhe à memória lembranças ruins, ele suaviza o texto pelo uso de expressões ou palavras que sugerem o fato, em vez de explicitá-lo.

a) Volte ao texto e encontre na fala de Renato Fecchino um exemplo de suavização do texto;

b) Traduza a expressão usada por Fecchino, explicitando o que ele realmente quis dizer.



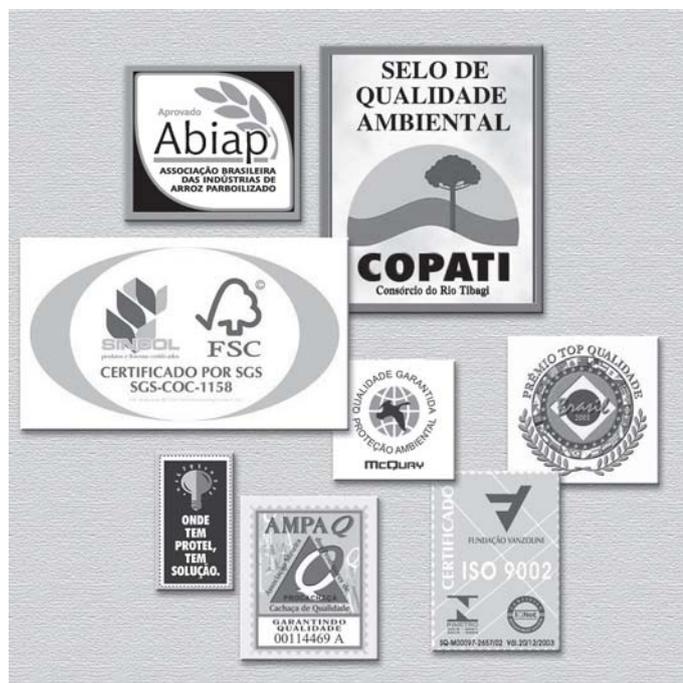
Atividade 6

A imagem e o texto apresentados convenceram você a comprar produtos da ABICAB? Que característica de ambos foi mais importante para o seu convencimento?

Aula 3

Criando um selo de qualidade

O professor mostrou para todos a imagem e o texto que foram assunto das aulas anteriores, do modo como aparecem no suplemento do jornal.



Atividade 1 _____

Você já encontrou um selo de qualidade, como esse da ABICAB, em algum produto que adquiriu? Qual?



Atividade 2 _____

Na sua região, quais produtos da terra são industrializados? Qual deles é muito consumido pela população?



Atividade 3

Agora você vai trabalhar em dupla com um colega. Vocês vão imaginar que fazem parte de uma associação criada para cuidar da qualidade desse produto, típico de sua região. Criem um selo para ele.

Não esqueçam!

- Criem um selo com palavras (linguagem verbal) e desenho (linguagem não verbal);
- Pensem no logotipo e no *slogan* do selo;
- Escolham as cores adequadas ao produto;
- Criem uma sigla para sua associação.

Aula 4

Uma entrevista: dialeto popular

A entrevista é um texto que se desenvolve pelo jogo de perguntas, feitas pelo entrevistador, e de respostas, dadas pelo entrevistado. O entrevistador estabelece um plano e prepara suas perguntas antes do encontro com o entrevistado. No encontro, acontece a conversa, que geralmente é gravada para, depois, transformar-se em texto escrito.

Você vai conhecer um trecho da entrevista feita por Gilmar de Carvalho com Pedro Costa, um violeiro e poeta cordelista do Piauí.

G: Como é que você escreve? Você escreve à noite, escreve em qualquer lugar, escreve e depois corrige? Como é que você cria um folheto?

PC: Eu sempre, quando eu vou escrever um folheto, eu escrevo à noite, é mais fácil à noite, mas aquele período que eu estou pra fazer aquele trabalho eu ando com lápis e papel, seja onde tiver, dentro do ônibus ou na praça, no teatro, no cinema. Onde eu lembrar, ver aquela... Onde eu lembrar de fazer boas colocações, fazer o verso, se eu vejo que dá pra mim fazer já passo a caneta, e sempre eu corrijo depois. Um trabalho, corrijo depois, depois eu vou pra... primeiro eu vou corrigir. Eu faço o verso e passo pra outro corrigindo, aí vou pro dicionário saber se tá certo ou não. O pessoal diz que dicionário é o professor dos burros. Não, eu acho que o dicionário é dos inteligentes, porque se você não sabe, você não sabe também definir nada no dicionário, né? Que eu acho que é importante o violeiro não escrever nada... que ele vai escrever pra todo mundo, ele não deve escrever nada sem passar pelo dicionário, seja uma palavra que ele sabe que aquilo tá certo, mas eu acho que ele deve corrigir.

Gilmar de Carvalho. *Poetas do povo do Piauí: a mídia cordel*. São Paulo: Terceira Margem, 2001, p. 123-4.



Atividade 1

O que o entrevistador deseja saber do entrevistado?



Atividade 2

O entrevistador não se contenta em fazer apenas uma pergunta ao entrevistado. Ele faz, na verdade, cinco perguntas de uma só vez. Essa atitude sugere que sentimento do entrevistador a respeito do entrevistado?



Atividade 3 _____

Observe a fala de Pedro Costa. Além de responder a todas as perguntas, ele faz um breve comentário sobre outro assunto. Qual o assunto e que comentário é feito?



Atividade 4 _____

Pedro Costa faz a seguinte afirmação: "... ele não deve escrever nada sem passar pelo dicionário, seja uma palavra que ele sabe que aquilo tá certo, mas eu acho que ele deve corrigir."

À primeira vista, a afirmação parece sem sentido: se o violeiro sabe que a palavra está certa, por que ele deve corrigi-la, se acreditamos que só deve ser corrigido o que está errado? O que o cordelista quer, na verdade, dizer?

76



Atividade 5 _____

Por vezes, o cordelista interrompe sua fala, ou porque está refletindo sobre ela, ou porque quer corrigir seu próprio pensamento. Veja estes trechos:

"Onde eu lembrar, ver aquela... "

"Um trabalho, corrijo depois, depois eu vou pra... primeiro eu vou corrigir."

De acordo com o contexto, que palavras seriam adequadas para completar as frases?



Atividade 9 _____

Pedro usa o dialeto popular. Que traços dessa variante lingüística se percebem na fala do cordelista?

Aula 5

Suprimindo as marcas de oralidade de um texto

Vamos continuar trabalhando com o texto da aula anterior.

O texto da entrevista foi produzido oralmente, depois foi transformado em texto impresso no livro *Poetas do povo do Piauí: a mídia cordel*. Apesar de escrito, no entanto, o texto conservou marcas de oralidade. Então, podemos dizer que se trata de **texto oral** na forma impressa.



Atividade 1

Imagine que você é redator de um jornal e se tornou responsável pela seção dedicada a autores de folhetos de cordel. Sua tarefa no momento é transformar a fala de Pedro Costa em texto escrito, que será publicado na próxima edição. Portanto, os traços de oralidade deverão ser suprimidos do texto.

Então, mãos à obra. Damos algumas orientações para esse trabalho:

1. Releia a fala de Pedro Costa, assinalando as marcas de oralidade;
2. Escreva a primeira versão do texto, eliminando tais marcas;
3. Releia o texto para verificar se está adequado:
 - a) à modalidade escrita;
 - b) à intenção do escritor;
 - c) aos leitores.
4. Faça como Pedro Costa ao escrever seus poemas: volte ao texto para corrigir a linguagem, melhorá-lo. Se tiver dúvidas, pergunte ao professor, ou consulte o dicionário, ou ainda, peça licença para falar sobre o assunto com um colega.
5. Quando julgar que o texto está pronto, passe-o a limpo.

Após a conclusão desse trabalho, o professor pedirá que alguns alunos leiam o texto que produziram. A turma poderá então fazer comentários sobre eles. Se você quiser dar sua opinião, proceda da seguinte forma:

- a) Faça observações que contribuam para a análise dos trabalhos;
- b) Evite comentários sobre aspectos que não interessam no momento;
- c) Ao criticar, seja respeitoso.

Se você for chamado para ler seu próprio texto, anote os comentários que forem úteis à avaliação do seu trabalho. Em casa, reavalie seu texto. Reescreva-o, levando em conta os aspectos discutidos em aula.

Aula 6

Um poema de cordel piauiense

Vamos conhecer um poema de cordel criado por Pedro Costa e impresso em folheto. Ele tem como assunto uma lenda do Piauí, sobre um personagem conhecido como Cabeça de Cuia.

Para facilitar o trabalho com o texto, após a leitura, as estrofes foram numeradas.



80

1 O povo não acredita
Em "história" de pescador
De vaqueiro e cachaceiro
De poeta cantador
Motorista e seringueiro
Marinheiro e caçador

2 Dizem que toda mentira
Deturpa sempre a verdade
Por menos que ela seja
Dita na sociedade
Contada por muita gente
Se torna realidade

- 3 Uma “história” de verdade
Contada de uma maneira
Deturpada, duvidosa
Como fosse brincadeira
Por mais que seja real
Nunca será verdadeira.
- 4 Existe “história” lendária
Que virou verdade pura
Com o tempo ganhou fama
Com personagem e figura
Inserida no folclore
Enriquecendo a cultura
- 5 Entre todas criaturas
Sempre o homem é o mais forte
Enfrenta feras, nas selvas
Escapa no fio da sorte
Tem o instinto voraz
Só quem lhe vence é a morte
- 6 O homem tem enfrentado
Perigos no alto mar
Nos espaços siderais
Monta usina nuclear
Não domina o universo
Porque Deus não vai deixar
- 7 Existe homem no mundo
Que desconhece o amor
É contra pais e irmãos
As palavras do senhor
Xinga terra, sol e astros
As coisas do criador
- 8 A muitos anos atrás
Existiu no Piauí
Um pescador que pescava
No Parnaíba e Poty
A sombra da maldição
Estava perto de si
- 9 O seu nome era Crispim
Cresceu sem religião
Sem pai pra lhe dar conselho
Sem amigo e sem irmão
Sua mãe muito velhinha
Sem mágoa no coração
- 10 Acontece que Crispim
Não aprendeu a trabalhar
Para sustentar a mãe
Ele tinha que pescar
Quando não pescava nada
Danava a esbravejar
- 11 Devido a necessidade
Ele só vivia aflito
Ameaçava sua mãe
Dava soco, dava grito
Agredia todo mundo
Chamava o rio maldito
- 12 Sua mãezinha chorava
Muito tristonha a velhinha
Sem esperança de vida
Em sua pobre casinha
O sofrimento do filho
Com a pobreza que tinha
- 13 Vendo o filho em desespero
A mãe se compadecia
Assim vivia Crispim
Sem ter sorte em pescaria
Xingava até sua sombra
E a roupa que vestia
- 14 Um certo dia Crispim
Voltou pra casa zangado
Não tinha pescado nada
Crispim ficou irritado
Xingando os rios e os peixes
Tudo que tinha ao seu lado
- 15 A mãe lhe disse filhinho
Não pense mais em mazela
Coma um pirão com uma ossada
Que tem naquela panela
Crispim pega um corredor
Bateu na cabeça dela
- 16 A pancada foi tão grande
Levou a velha ao chão
A mãe antes de morrer
Jogou-lhe uma maldição
Serás transformado em monstro
Num ente sem coração

17 Filho maldito e ingrato
Tu foste muito ruim
Matar sua genitora
Te amaldiçoou Crispim
Serás um monstro maldito
Triste será teu fim

18 Nas águas desses dois rios
Tu vais ficar a vagar
Serás um monstro assombroso
Até você devorar
As sete Marias virgens
Mais nunca irás encontrar

19 Os anjos disseram amém
Na hora que a mãe falou
Sua madrinha não ouviu
Jesus no céu escutou
E de repente Crispim
No monstro se transformou

82

20 Ficou todo transformado
Com a cara muito feia
A cabeça cresceu tanto
Que dava uma arroba e meia
Caiu nos rios, e aparece
Em noite de lua cheia

21 A velha foi sepultada
Como se fosse uma indigente
Não ficou nem um registro
Não apareceu parente
E Crispim ainda vive
Querendo voltar a ser gente

22 Até mesmo os pescadores
Nele não querem falar
Quando falam sentem medo
Passam noites sem pescar
Todos temem a qualquer hora
Com Crispim se encontrar

23 Cabeça de Cuia vive
Cumprindo sua trajetória
Uma velha diz que viu
Porém perdeu a memória
Se assombra fica louca
Quando escuta essa estória

24 Todo final de semana
Sempre, sempre é registrado
Nas águas desses dois rios
Alguém morrer afogado
Deixando cada vez mais
Banhista desesperado

25 Crispim cabeça de cuia
Vive ainda a procura
Das sete Marias virgens
Cumprindo sua desventura
Rio abaixo e rio arriba
Em noite clara ou escura

26 Passaram séculos e séculos
A "história" permanece
Dizem quando os rios enchem
Na correnteza ele desce
Dando gargalhadas estranhas
Toda vez que aparece

27 Ele vaga pelas águas
Do Parnaíba e Poty
E no encontro dos rios
Tem sua estátua ali
Descrevendo esta lenda
Folclórica do Piauí.

Pedro Costa. *A lenda do Cabeça de Cuia*. 3 ed., Projeto Cantoria na Praça, Fundação Nordestina de Cordel, 1999.

Agora você vai responder a algumas questões que formam um roteiro de leitura. As estrofes do poema estão numeradas a fim de facilitar a sua localização.



Atividade 1 _____

A narrativa da lenda do Cabeça de Cuiá tem início na estrofe 8. Que idéias o poeta defende nas estrofes anteriores?



Atividade 2 _____

Quem era Crispim?



Atividade 3 _____

Com quem ele vivia?



Atividade 4 _____

Como era o temperamento de Crispim?



Atividade 5 _____

Qual era a atitude da mãe, já velhinha, diante da ira do filho?



Atividade 6 _____

Que fato levou Crispim a matar a própria mãe?



Atividade 7 _____

Por que Crispim se tornou um monstro?



Atividade 8 _____

Qual foi a reação de Crispim, ao se perceber monstro?



Atividade 9 _____

O que deveria acontecer para que o encantamento de Crispim se acabasse?



Atividade 10 _____

De acordo com o poeta, qual a reação das pessoas diante da lenda do Cabeça de Cuia?



Atividade 11 _____

Que dialeto é usado pelo cordelista? Qual a ligação entre esse dialeto e a origem do cordel?



Atividade 12 _____

Você conhece outras narrativas de cordel? Qual é a sua preferida? Quem a escreveu?



Atividade 13 _____

O professor vai pedir a alguns alunos que recontem a lenda do Cabeça de Cuia. Você pode ser um deles.

Então, prepare-se seguindo estas orientações:

- Releia o texto;
- Releia as questões e as respostas sobre o texto. Observe que o modo como estão organizadas serve de roteiro para o seu trabalho;
- Selecione os fatos principais, despreze os detalhes;
- Se for chamado para recontar, fale devagar e num tom que todos ouçam.

Se você tiver folhetos ou folhas avulsas de cordel, leve à escola para mostrar na próxima aula.

Aula 7

Propaganda: um *outdoor*

A propaganda é um texto criado para convencer pessoas a ter determinada conduta diante de uma idéia ou objeto: comprar, aceitar, associar-se, assistir, etc. Um meio eficiente de divulgar uma idéia ou um produto é usar como suporte o *outdoor*.

Vamos observar os recursos usados pelo *outdoor* abaixo:



86



Atividade 1 _____

Observe o local onde foi colocado o *outdoor*. Que tipo de local foi escolhido?



Atividade 2 _____

Qual é a palavra principal do texto?



Atividade 3 _____

Essa palavra está escrita de um modo especial. Como?



Atividade 4 _____

Detenha-se no quadro do *outdoor*. O que você percebe no contorno do retângulo?



Atividade 5 _____

Ao criar o *outdoor* sem um dos ângulos, que impressão o publicitário pretendeu causar nas pessoas? Por quê?



Atividade 6 _____

Abaixo da palavra BALÃO está escrito: “Só pra lembrar o risco que você corre.” Qual é o risco?



Atividade 7 _____

A quem a propaganda se dirige?



Atividade 8 _____

Em vez do pronome “você”, o publicitário poderia ter usado “todos” ou “as pessoas”. O efeito no interlocutor seria o mesmo? Justifique.



Atividade 9 _____

Qual a intenção do texto?



Atividade 10 _____

Qual a melhor época do ano para mostrar ao público um *outdoor* com essa intenção?



Atividade 11 _____

Você acha que o publicitário criou um texto realmente capaz de convencer seus interlocutores? Justifique.



Atividade 12 _____

Por que o local onde está o *outdoor*, assim como as bordas do retângulo, são verdes?



Atividade 13 _____

No lugar em que você mora, como as pessoas comemoram as festas juninas? Têm o costume de soltar balões? Já houve incêndio causado por balão?

Aula 8

Criando um *outdoor*

Na comunidade em que você mora, as pessoas certamente lutam por algumas idéias: a construção de estradas; a melhoria dos serviços de esgoto, iluminação ou transportes; o aumento do número de moradias... Enfim, faz parte do espírito cidadão lutar pacificamente por direitos sociais.

O professor vai participar de uma conversa com os alunos sobre essa questão. Depois, todos vão colaborar na listagem de alguns temas importantes para a comunidade onde está a escola.

Cada aluno vai escolher o tema de sua preferência e criar um *outdoor*, imaginando que ele será um veículo para uma campanha em defesa dessa idéia.

Ao fazer o trabalho, tenha os seguintes cuidados:

1. Se resolver criar figuras, cuide para que elas combinem com o texto a ser escrito;
2. O texto deve ser curto, pois o *outdoor* geralmente é colocado na beira de rodovias ou em lugares onde possam ser vistos por quem passa na rua.
3. Se quiser uma interlocução mais direta com seus leitores, use o pronome *você*, como se estivesse conversando com eles.
4. Você pode usar o humor em seu texto. Muitas propagandas fazem uso desse recurso.

Depois que os trabalhos forem avaliados e revistos, a turma vai organizar, junto com o professor, uma exposição dos *outdoors* na escola.

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

LINGUAGEM E CULTURA

**UNIDADE 4
A INTERTEXTUALIDADE**

GESTAR AAA1

Aula 1

Um texto de memórias

Você já parou para pensar em todas as influências que fizeram e fazem que você seja o que é? Em tudo o que ouviu, leu, viu, imitou, repetiu? O seu jeito de ser reflete a influência de muitas pessoas.

Como cada um de nós é parte da sociedade, podemos dizer que a cultura de um povo é formada por todas as suas gerações, à semelhança de um texto que vai sendo construído com a contribuição dos textos de muitos autores. Essa mistura de textos para formar outro é chamada de *intertextualidade*.

Você vai ler um texto de memórias. Nele, o narrador lembra do pai: do que gostava, como era, o que dizia... As lembranças do filho estão entrelaçadas por fatos ligados ao pai, portanto, são *intertextuais*.



1 O pai gostava de tudo, ou quase tudo, mas era esganado por carne-seca e manga. A atração por carne-seca mereceria o estudo de um especialista, um tratadista da gula humana. A manga não ficava atrás – e ela foi causa de um dos meus vexames.

2 O pai nascera no Caju, numa rua que hoje não existe mais, coberta que foi pelas pistas da avenida Brasil.

3 Era vizinho do cemitério, o maior da cidade, o mais tradicional. Há vários cemitérios no Rio, até em Inhaúma existe um, até no Cacuia, na ilha do Governador. Mas o Caju é o mais confiável, de longe o melhor – se isso possa existir. “Ir para o Caju”, desde tempos imemoriais, é bater as botas, esticar as canelas, morrer, em suma.

4 O pai gostava de contar suas façanhas de moleque do Caju. A proeza principal era pular o muro caiado para apanhar balões nos meses de junho, ou roubar as mangas do cemitério — segundo ele, as melhores do mundo. Manga de cemitério – garantia ele – era superior às mangas da Índia, e ele dizia isso com honesta convicção, embora, ao que me conste, nunca tenha provado manga de nenhum outro lugar que não as da Zona Norte da cidade.

5 Quando encontrava auditório propício, ele estendia suas aventuras dos tempos do Caju mais além. Tivera um colega que se chamava Absalão. Meu irmão e eu já conhecíamos todas as aventuras da dupla, mas o pai, quando se lembrava desse Absalão, não só

esquecia que já as contara mil vezes como as ampliava formidavelmente, atingindo um de seus melhores momentos de narrador.

6 As histórias variavam em detalhes e cronologia, muitas vezes pareciam contraditórias, Absalão ora tinha uma irmã que era complacente nas brincadeiras dos porões escuros ora não tinha irmã nenhuma mas um padrasto que dava surras de vara de marmelo no enteado – surras que o pai, tantos e tão acidentados anos depois, garantia que eram devastadoras e merecidas.

7 Obedecendo à tradição dos melhores narradores da história, de Homero em diante, o pai fazia do amigo de infância uma colagem de outros meninos que fora encontrando pela vida, e outros que ele ia inventando conforme a inspiração e o auditório da hora.

[...]

8 Foi pela altura do quinto ou sexto ano do curso do Seminário-Menor. Morreram o pai do padre Motinha, nosso diretor espiritual – uma instituição nas casas religiosas. É ele que orienta e acompanha a relação dos alunos com as coisas de Deus, com os negócios da alma.

[...]

9 O pai – e já o disse anteriormente – tinha uma técnica desenvolvida de sempre dar um jeito de me ver, de estar próximo. Sabendo da morte do pai do padre Motinha, e intuindo que os alunos do Seminário iriam ser solidários com o luto do diretor espiritual, foi cedo para o cemitério de Santa Cruz – onde a família Mota era tradicional e de cuja paróquia o próprio padre Motinha, logo depois de ordenado, fora coadjutor.

94

[...]

10 O pior, como sempre, não vem antes nem durante: vem depois. Foi na hora da maior comoção, quando padre Motinha, filho e oficiante, encomendava a alma de seu pai a Deus, junto ao jazigo perpétuo dos Mota de Santa Cruz.

11 Os demais parentes, sem a obrigação de recitar os salmos, o “Libera me”, os responsórios, entregavam-se ao pranto desvairado, pranto de Zona Norte, medonho, lancinante, quem ouve um pranto daqueles passa dias com os gritos martelando na cabeça, gritos de dor, dor crua e veraz, que só existe ao longo dos trilhos da antiga Estrada de ferro Central do Brasil.

12 Ouvia-se o baque de um corpo que caía. O estrondo fez o pranto parar, emudeceram os gritos, calaram-se os gemidos. O oficiante interrompeu os salmos, os responsórios. Todos olharam na direção de onde viera o estrondo. Temendo pelo pior, fui dos últimos a olhar.

13 Havia uma mangueira, vasta e verde mangueira ao lado do jazigo perpétuo dos Mota de Santa Cruz. Estava carregada de mangas, embora ainda verdes – manga no Rio costuma dar no alto verão, não sei se em outras paragens é assim –, pois estávamos em agosto, no final do desmoralizado inverno que aqui temos, as mangas começavam a nascer, uma ou outra, mais afobada, já tinha manchas insinuando o fruto maduro, o cheiro forte de sua polpa amarela, sensual.

14 Aproveitando a unção do enterro de um Mota de Santa Cruz, alguém subira na árvore e tentara cutucar os frutos que ameaçavam amadurecer. Apesar de dominar a

técnica para momentos que exigiam equilíbrio e sangue-frio, o pai cometera um erro fatal: caiu por cima da carroça que trazia as coroas que seriam depositadas no jazigo perpétuo dos Mota de Santa Cruz.

15 Houve solidariedade: todos correram para socorrê-lo, escová-lo, abaná-lo, ouvia o pai dizer que não fora nada, apenas o susto, que ninguém se incomodasse, ele não queria atrapalhar o enterro, padre Motinha, olhos avermelhados, logo recomeçou os salmos, os responsórios, eu olhava o chão, querendo ser enterrado também, ali mesmo, com a minha vergonha.

16 Quando olhei para o lado, sabendo que o pai ainda devia estar ali, vi o que esperava ver: ele catava mangas maduras no chão.

Carlos Heitor Cony. *Quase Memória, Quase-romance*. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARLOS HEITOR CONY nasceu em 1926, no Rio de Janeiro. É jornalista, cronista e romancista. Foi editor do jornal *Correio da Manhã*, dirigiu as revistas *Ele Ela*, *Desfile* e *Fatos & fotos*. Foi articulista da revista *Manchete* e atualmente é cronista da *Folha de São Paulo*. O romance *Quase Memória - quase-romance* foi publicado em 1995.



Atividade 1

No parágrafo 3, ao falar dos cemitérios do Rio, o narrador mostra que a expressão “ir para o Caju” era repetida de geração a geração.

a) Que sinônimos ele apresenta para a expressão?

b) Para se referir à morte de uma pessoa querida, de modo sentimental, você usaria qualquer um desses sinônimos? Explique sua resposta.

c) Que trecho do texto indica que a origem da expressão “ir para o Caju” era tão antiga que se tornava impossível lembrar em que data aparecera?



Atividade 2

Todos nós temos lembranças boas e ruins, que vão se juntando e fazendo parte da nossa formação. Volta e meia, fazemos referência a elas, ou as narramos para pessoas diferentes, em momentos diversos. É natural que os fatos lembrados adquiram versões um pouco diferentes em cada relato.

Que fato do texto é um exemplo disso?

**Atividade 6** _____

O vexame causado pelo pai teve alguma influência na vida do narrador. Que fato permite essa afirmação?

**Atividade 7** _____

1. Pense na sua vida, na sua história, na convivência com a família. Certamente nela há um acontecimento do qual você nunca se esquecerá. Relate essa história.
2. Na história da sua comunidade, há alguém ou algo que seja responsável por um fato ou peculiaridade que a caracteriza? Dê sua opinião sobre isso.
3. Você conhece algum ritual? Fale sobre ele.

Aula 2

Intertextualidade: diálogo entre textos

O texto abaixo, “Terezinha de Jesus”, é uma cantiga de roda conhecida por muitas crianças. Talvez você também a conheça:

Terezinha de Jesus
Deu uma queda e foi ao chão;
Acudiu três cavalheiros,
Todos três chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai,
O segundo seu irmão,
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão.

Da laranja quero um bago,
Do limão quero um pedaço,
Da morena mais bonita
Quero um beijo e um abraço.

Terezinha levantou-se,
Levantou-se lá do chão,
E sorrindo disse ao noivo:
Eu te dou meu coração.



98

Veríssimo de Melo . *Folclore Infantil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985, p. 202.

Responda oralmente:

- As cantigas de roda são antigas, mas ainda hoje fazem parte das brincadeiras infantis. Você já conhecia essa cantiga? Sabe como se brinca?
- Você conhece alguma outra cantiga de roda? Qual?
- Na sua comunidade as crianças brincam de roda? Que cantigas elas preferem?
- As cantigas de roda são criações populares e fazem parte do folclore infantil. Que termo mostra claramente o uso do dialeto popular em “Terezinha de Jesus”?

Certos textos atravessam os tempos, tornam-se conhecidos por muitas gerações. Assim, acabam por servir de inspiração a outros, mais atuais. Dizendo de modo diverso: muitos dos textos de hoje dialogam com outros, de época anterior, resultando na intertextualidade.

O texto que você vai ler é a letra de uma música, composta por Chico Buarque, e cujo título é **Teresinha**.

O primeiro me chegou
 Como quem vem do florista
 Trouxe um broche de ametista
 Me contou suas viagens
 E as vantagens que ele tinha
 Me mostrou o seu relógio
 Me chamava de rainha
 Me encontrou tão desarmada
 Que tocou meu coração
 Mas não me negava nada
 E, assustada, eu disse não

O segundo me chegou
 Como quem chega do bar
 Trouxe um litro de aguardente
 Tão amarga de tragar
 Indagou o meu passado
 E cheirou minha comida
 Vasculhou minha gaveta
 Me chamava de perdida
 Me encontrou tão desarmada
 Que arranhou meu coração
 Mas não me entregava nada
 E, assustada, eu disse não

O terceiro me chegou
 Como quem chega do nada
 Também nada perguntou
 Mal sei como ele se chama
 Mas entendo o que ele quer
 Se deitou na minha cama
 E me chama de mulher
 Foi chegando sorrateiro
 E antes que eu dissesse não
 Se instalou feito um posseiro
 Dentro do meu coração

Chico Buarque. "Teresinha". In: *Poesia fora da estante* - v.2, coord. de Vera Aguiar. Porto Alegre: Projeto, 2002, p.107.

CHICO BUARQUE nasceu em 1944 no bairro carioca de Vila Isabel, filho do historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda. É um dos compositores e cantores mais queridos do Brasil. Tornou-se conhecido em um festival de música, ao cantar a canção *A banda*. Escreveu, com diferentes parceiros, peças de teatro como *Calabar*, *Gota d'água* e *Ópera do malandro*. Também são de sua autoria a novela *Fazenda Modelo* e os romances *Estorvo*, *Benjamim* e *Budapeste*. No carnaval de 1998, no Rio de Janeiro, foi tema do enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira.



Atividade 1

Compare os textos.

a) O que é semelhante em ambos?

b) O que é diferente?



Atividade 2 _____

Perceba o modo como cada texto está escrito, o jeito de descrever e de contar. Pense na origem de um e de outro, nos seus leitores e consumidores. Então responda de acordo com sua opinião: qual é a finalidade de cada um?



Atividade 3 _____

Nos dois textos, a mulher revela que se apaixonou. Essa revelação é expressa de modo diferente, mas a idéia é a mesma. Que versos indicam isso em:

“Terezinha de Jesus”:

“Teresinha”:



Atividade 4 _____

De qual texto você gostou mais? Explique sua preferência.



Atividade 5 _____

Você conhece outros textos que dialogam entre si? Quais?

Aula 3

Paráfrase: dois modos de noticiar o mesmo fato

Em 27 de agosto de 2003, a distância entre o planeta Marte e a Terra foi a menor possível em quase sessenta mil anos. Antes desse dia, muitos jornais e revistas trouxeram informações sobre o acontecimento.

Veja como o mesmo fato foi noticiado de modo diferente em dois informativos:

Texto 1

Marte mais próximo da Terra

www.klickeducacao.com.br

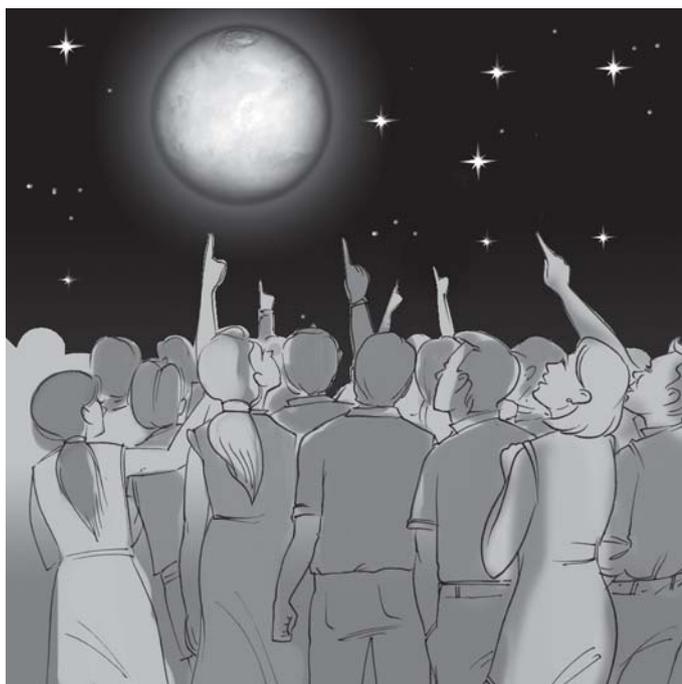
Olhe para o céu e procure um brilhante ponto de luz avermelhado. Não é uma estrela. Afinal, não pisca. Mas é o corpo celeste que mais chama a atenção. O que é isso? É nosso vizinho Marte, que no próximo dia 27 de agosto, às 6h51 (hora de Brasília) estará a menos de 55,76 milhões de quilômetros da Terra. Isso é mais perto do que o planeta já esteve de nós em quase 60 mil anos.

A última vez que Terra e Marte estiveram tão próximos um do outro foi, de acordo com nosso calendário, em 12 de setembro de 57617 a.C. – a distância foi de “apenas” 55,72 milhões de quilômetros.

E quem perder o espetáculo de 2003, pode desistir: o fenômeno de aproximação só vai se repetir em 28 de agosto de 2287.

Mesmo estando tão perto, a olho nu o planeta vermelho parecerá apenas uma estrela muito brilhante. Por isso, se você é daqueles fascinados pelos segredos do espaço, aproveite nossa dica e construa uma luneta. E, enquanto o dia 27 não chega, saiba mais alguns dados de Marte, consultando as “fichas espaciais” do Klickeducação.

Boa observação!



Texto 2

Marte, como nunca visto antes

Há 60.000 anos, desde 12 de setembro de 57.617 aC, que Marte não chega tão perto da Terra. A menor distância entre os dois planetas será atingida, pelo horário de Brasília, às 6h15 do dia 27 de agosto: 55.769.000 km, contra os 55.718.000 km que separaram nossos antepassados neandertais do ponto vermelho no céu.

Encontrar Marte a olho nu, neste final de agosto de 2003, vai depender apenas de haver uma noite clara: com Vênus surgindo apenas pela manhã e a Lua praticamente de fora - na semana do dia 20 ela passa a nascer apenas depois da meia-noite, e no dia 27 já será Lua Nova - o planeta, uma pequena mancha brilhante, de cor alaranjada, surgindo a leste, será o objeto mais brilhante no firmamento.

Nós, no hemisfério sul, ainda teremos uma vantagem: Marte passará, literalmente, sobre nossas cabeças. Na região Sudeste do Brasil, por exemplo, o planeta deverá surgir sobre o horizonte leste (o mesmo lado onde o Sol nasce, que é a direção oposta ao poente) alguns minutos antes das 18h00 do dia 27 e atingir o ponto mais alto do céu entre 00h07 (Rio de Janeiro) e 00h20 (São Paulo). Em Manaus, à 1h14 da madrugada.

Nesses horários, se você deitar no chão olhando para o céu aberto, Marte vai estar lá em cima olhando para você. Depois o planeta vermelho continuará em seu caminho, descendo rumo ao oeste, onde vai desaparecer por volta das sete da manhã. Ao mesmo tempo, Mercúrio, Júpiter, Vênus, a Lua - e o Sol - nascem, na direção oposta.

Quem tiver uma janela com uma boa vista para o leste, ou conseguir se afastar dos prédios e das luzes da cidade, poderá ver Marte elevando-se a partir do horizonte. Por volta das 19h00 do dia 27, um pouco mais a sudeste (isto é, à direita de Marte) também será possível ver Fomalhaut, ou Alpha Piscis Austrini - a Estrela Alfa (mais brilhante) da constelação do Peixe Austral. Trata-se da 17ª estrela mais brilhante do céu.

www.estadao.com.br

102



Atividade 1

Pinte a linha da coluna da direita quando os textos apresentarem diferença nos itens listados:

Fato noticiado	
Extensão da notícia	
Modo de dizer	
Exatidão dos números	
Escrita dos números	
Quantidade de informações	
Conversa com o leitor	



Atividade 2

Você percebeu que as diferenças entre os textos não alteram significativamente as informações que dão ao leitor. Trata-se, então, da mesma notícia escrita de modo diferente. Podemos dizer que um é paráfrase do outro.

A paráfrase acontece quando os textos descrevem ou narram um mesmo fato de maneira diversa, mas equivalente.

O dia 27 de agosto de 2003 já passou. Como você contaria a notícia da aproximação de Marte a alguém? Escreva esse texto.

Aula 4

Paródia: Branca de Neve

Você vai conhecer um poema divertido, de Guilherme Mansur. Ouça a leitura do professor.

Branca de Neve



104

Branca de Nave
e os sete... Ah, não!
Banca de Never
e os sete... Ah, não!
Vanca de Brene
e os sete... Ah, não!
Brava de Nence
e os sete... Ah, não!
Anca de Breven
e os sete... Ah, não!
Cabra de Nenge
e os sete... Ah, não!
Branca de Neva
e os sete... Ah, não!

GUILHERME MANSUR é poeta, artista gráfico e editor da coleção “Cadernos da Ameríndia”, que trazem histórias traduzidas das tribos de índios Mbyá-guarani e Nivacle, que vivem nos desertos do Chaco paraguaio.

Folha de S. Paulo. Folhinha. 3 mai. 2003, F 8.

Claro que você já descobriu com que texto esse poema dialoga, não é?



Atividade 1

O nome da famosa personagem do conto de fadas sofre várias transformações no poema. De que modo o poeta consegue isso?



Atividade 2

Preste atenção ao verso sempre repetido “e os sete... Ah, não!” O que você observa em relação ao efeito sonoro do verso?



Atividade 3

Além do efeito sonoro, que sentido tem a expressão “Ah, não!” no poema?



Atividade 4

É correto dizer que o poema Branca de Neve é uma paráfrase do famoso conto dos irmãos Grimm, Branca de Neve e os sete anões?



Atividade 5

Você vai iniciar uma atividade que poderá ser concluída em casa, pois queremos que você tenha tempo para caprichar bastante nessa tarefa.

Crie uma paródia do conto *Branca de Neve e os sete anões*, tomando por base o texto original. Veja algumas possibilidades para o seu trabalho:

- Escolha de uma nova personalidade ou aparência para Branca de Neve;
- Mudança da seqüência dos fatos;
- Atualização da época da história;
- Inclusão ou substituição de personagens;
- Mudança na função dos anões;
- Mistura de traços do passado e do presente.

Aula 5

Paródias de provérbios

Você certamente conhece alguns provérbios, não é? São frases curtas, de caráter popular, que expressam crenças e idéias de uma comunidade. Como estas:

“Águas passadas não movem moinhos”

“Casa de ferreiro, espeto de pau”

“Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”

A paródia de provérbios produz textos engraçados. Marcelino Freire, um artista pernambucano, parodiou provérbios e frases famosas; Silvana Zandomeni os ilustrou.

Veja o que ele diz na orelha do livro de onde foram tirados os textos com que você vai trabalhar:

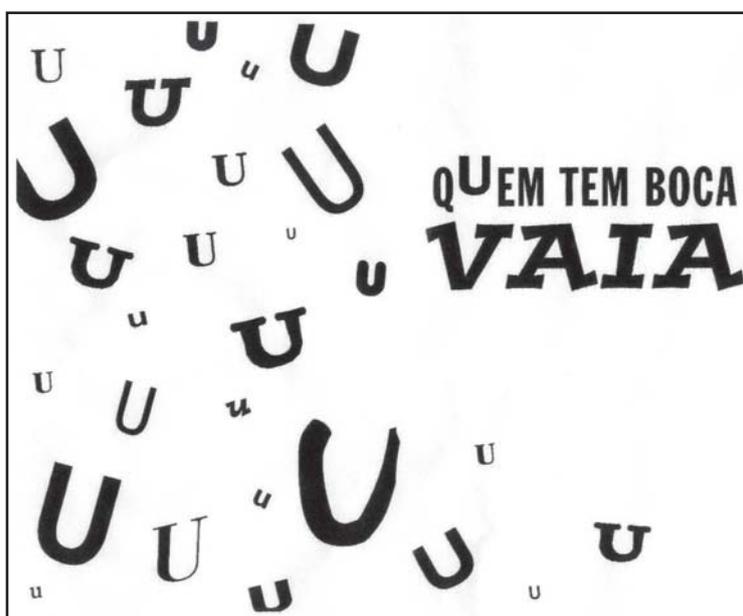
“Fiquei rico de tanto roubar frases dos outros. Desdizer o que foi dito. Meter o nariz onde não fui cheirado.”

MARCELINO FREIRE nasceu em 20 de março de 1967, na cidade de Sertânia, Pernambuco. Reside em São Paulo desde 1991. É autor dos livros de contos *AcRústico* e *Angu de sangue*. Faz parte da antologia *Geração 90 – Manuscritos de Computador*, que reúne os melhores contistas surgidos na última década do século XX.

SILVANA ZANDOMENI é natural da cidade de São Paulo. Parceira de Marcelino Freire em vários projetos, fez também a direção de arte do livro *Angu de sangue* e da primeira edição de *eraOdito*. Na propaganda desde 1980, trabalha atualmente na AlmapBBDO.

107

Primeira paródia



Marcelino Freire e Silvana Zandomeni. *eraOdito*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.



Atividade 1 _____

Qual é o provérbio matriz da paródia?



Atividade 2 _____

Que recurso sonoro é usado no texto?



Atividade 3 _____

Qual o significado do desenho que acompanha o texto verbal?

Segunda paródia



Marcelino Freire e Silvana Zandomeni. *eraOdito*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.



Atividade 4 _____

Qual a frase matriz dessa paródia? Quem é o autor da frase?



Atividade 5 _____

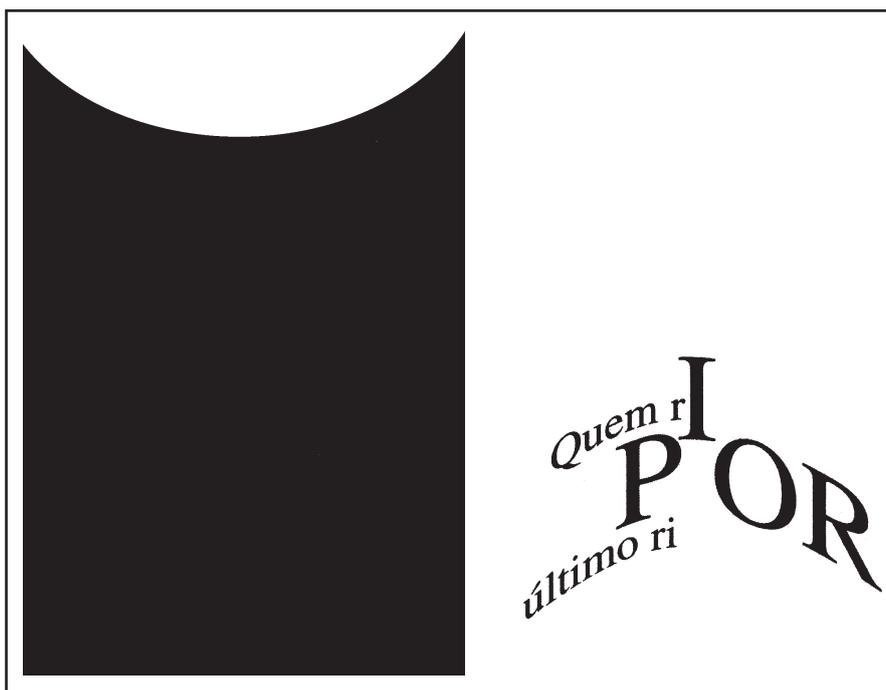
A frase passou a ter um sentido crítico com a alteração. Que sentido é esse?



Atividade 6 _____

Que recurso gráfico foi usado para que o leitor perceba o novo sentido?

Terceira paródia



Marcelino Freire e Silvana Zandomeni. *eraOditto*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.



Atividade 7 _____

Que provérbio matriz inspirou o autor?



Atividade 8 _____

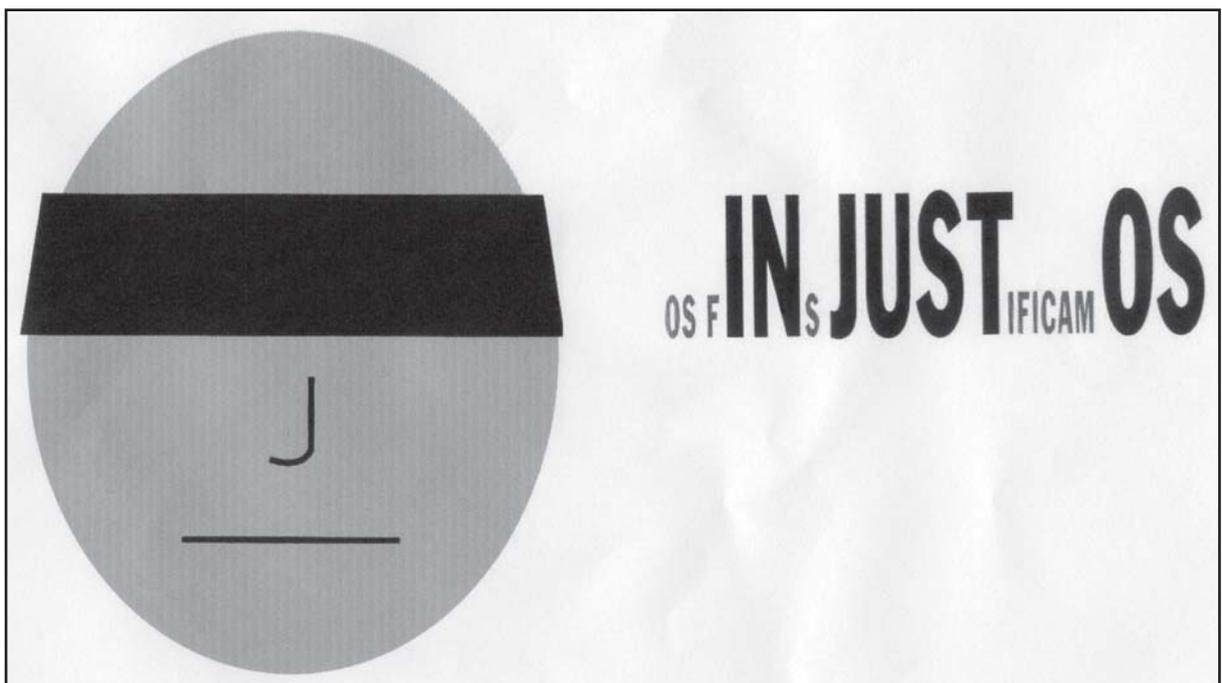
Qual é a intenção desse provérbio?



Atividade 9 _____

O resultado da paródia é irônico. Que sentido a frase passa a ter?

Quarta paródia



Marcelino Freire e Silvana Zandomeni. *eraOditó*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.



Atividade 10 _____

Qual é o provérbio matriz?



Atividade 11 _____

O que esse provérbio quer dizer?



Atividade 12 _____

A paródia tem um conteúdo crítico. Explique-o.



Atividade 13 _____

A figura reafirma o que é dito com palavras. Justifique.

Desafio

Você vai criar uma paródia de um provérbio e também uma ilustração que tenha ligação com o texto. Escolha um entre os seguintes:

“Quem espera, sempre alcança.”

“Devagar se vai ao longe.”

“Quem não morre, não vê Deus.”

“De grão em grão, a galinha enche o papo.”

“Amigos, amigos; negócios à parte.”

“Deus ajuda quem cedo madruga.”

“Uma mão lava a outra, e as duas lavam o resto.”

“A voz do povo é a voz de Deus.”

“É de pequenino que se torce o pepino.”

“Quem com ferro fere, com ferro será ferido.”

“Quem conta um conto, aumenta um ponto.”

“Águas passadas não movem moinhos.”

Ao criar sua paródia, use tom crítico e bem-humorado.

Aula 6

Ponto de vista

Observe a tira:



www.laerte.com.br



Atividade 1

Detenha-se no primeiro quadro.

- Que personagens fazem parte da cena?
- O que fazem os personagens?
- O que diz um dos meninos?
- O que a mãe responde?



Atividade 2

Agora observe o segundo quadro.

- Que personagens fazem parte da cena?
- O que fazem os personagens?
- O que diz o filhote?
- O que a mãe responde?



Atividade 3 _____

Onde estão os personagens em cada um dos quadros?



Atividade 4 _____

O que essa diferença provoca no diálogo?



Atividade 5 _____

Os personagens, cada qual no seu lugar, estavam errados no que pensaram?



Atividade 6 _____

Dê um exemplo de situação em que você e um amigo tiveram opiniões diferentes sobre o mesmo fato. E... nenhum dos dois estava errado!

Conte de outro modo!

A história da tira é contada com desenho e palavras. Faça uma paráfrase desse texto: conte a história só com palavras, sem usar o desenho.

Feche o texto com uma conclusão sobre o sentido dessa história.

Aula 7

Quem conta um conto, aumenta um ponto

Há um provérbio que diz: “cada cabeça, uma sentença.” Realmente, um dos traços atraentes – e muitas vezes difíceis – da convivência entre as pessoas é a diversidade de opiniões sobre o mesmo fato, isto é, os diferentes pontos de vista.

O texto que você vai ler mostra como um único fato pode ter várias interpretações, dependendo do ponto de vista dos participantes da cena.

Só a pura verdade

Hans Christian Andersen

– Que coisa horrível – disse uma galinha, no outro extremo da cidade, bem longe do bairro onde a história se passara. – É horrível o que houve no galinheiro! Nem arrisco a dormir sozinha esta noite. Ainda bem que somos muitas no poleiro.

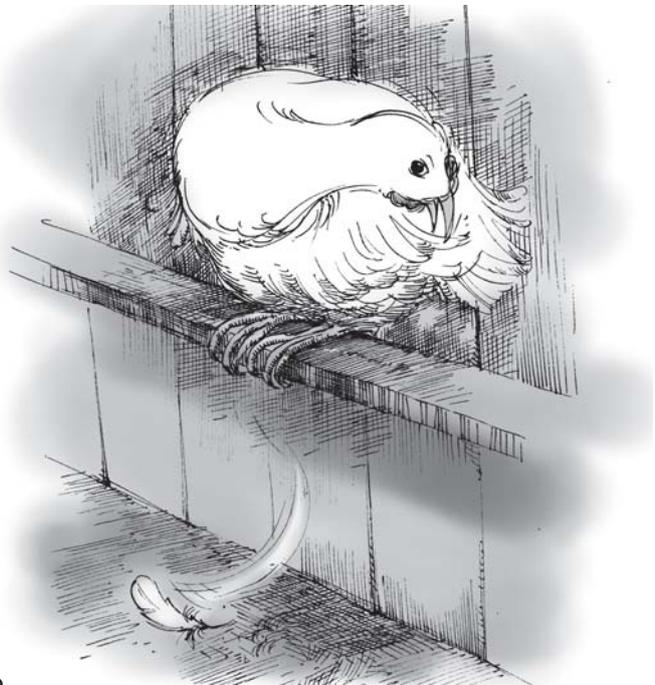
E passou a contar o ocorrido, fazendo arrepiar as penas das outras galinhas e cair a crista do galo. E era tudo verdade, só a pura verdade.

Mas vamos começar do começo que ocorreu no extremo oposto da cidade. O sol desceu e as galinhas subiram. Uma delas, de penas brancas e pernas curtas, punha os ovos regularmente e, como galinha, era respeitável em todos os sentidos. Chegada ao poleiro, começou a catar-se com o bico. Caiu ao chão uma peninha.

– Lá se foi uma pena! – disse ela. – Parece que, quanto mais me cato, tanto mais bonita vou ficando – acrescentou, por brincadeira, pois era ela o espírito mais alegre da galinhada, embora fosse, conforme já foi dito, criatura de todo o respeito. E logo adormeceu.

Era escuro ao redor. As galinhas estavam enfileiradas, lado a lado, e a que lhe estava mais próxima não dormia. Ela ouviu, e ao mesmo tempo não ouviu, como convém, para se viver em paz neste mundo. Mas teve, assim mesmo, de confiar à vizinha o que ouvira.

– Ouviste o que foi dito aqui? – cochichou. – Não vou dizer o nome de ninguém, mas há aqui uma galinha que quer arrancar as próprias penas para ficar bonita. Se eu fosse o galo, a desprezaria.



Logo adiante, pouco acima das galinhas, estava pousada a Coruja, com o Corujão e as corujinhas. Naquela família, sim, todos tinham bons ouvidos. Ouviram cada palavra dita pela galinha. Viraram os olhos e Dona Coruja abanou as asas.

– É feio escutar o que dizem os outros! – começou ela. – Mas, naturalmente, todos ouviram o que disse a galinha. Eu ouvi com os meus próprios ouvidos, e deve-se escutar, antes que caiam as orelhas. Uma das galinhas esqueceu a tal ponto a decência, que está tirando todas as penas e deixa o galo ver tudo.

– *Prenez garde aux enfants!* disse papai Corujão. – Isso não é conversa para crianças ouvirem.

– Preciso contar o caso à coruja vizinha, senhora séria e respeitável.

Dona coruja saiu voando.

– Hu-uh! Uhu-uhu-uhu! – riram as duas, juntas, pouco depois.

Achavam-se um pouco acima do pombal do vizinho, e as pombas ouviram-nas comentar o caso:

– Ouviram esta? Ouçam, que esta é muito boa! Há aí uma galinha que arrancou todas as penas por causa do galo! Vai morrer de frio, se é que já não morreu. HUUU – huuuu!

– Onde? Onde? Onde? – arrulharam as pombas.

– No galinheiro do vizinho. É como se eu mesma o tivesse visto. É coisa que quase nem se devia contar, pois é um tanto indecente. Mas é a pura verdade!

– Ora, ora, ora! – arrulharam de novo as pombas.

E passaram a história adiante:

– Há uma galinha – há quem diga que são duas – que arrancou todas as penas para não ser igual às outras e chamar a atenção do galo. É uma brincadeira arriscada, pois apanhar um resfriado é o que há de mais fácil, e morrer de febre é o que menos custa. De fato, já morreram, as duas...

– Acordem! Acordem! – cantou o galo, voando para o alto do cercado.

O sono ainda lhe pesava nos olhos, mas apesar disso ele cantava.

– Morreram três galinhas, de infeliz paixão por um galo. Elas arrancaram todas as penas. É uma história muito feia, não quero guardá-la comigo. Que vá adiante!

– Deixa que vá adiante, piaram os morcegos.

– Deixa que vá! Deixa que vá! – cacarejaram as outras galinhas.

A história foi assim circulando, de galinheiro em galinheiro, e, por fim, voltou ao lugar de onde viera.

– São cinco galinhas – contavam – Todas arrancaram as penas para mostrar qual delas tinha emagrecido mais de paixão pelo galo. Depois brigaram, de tirar sangue, e se mataram de bicadas. Ficaram mortas no terreiro. Foi uma ignomínia para a família delas, e um grande prejuízo para o dono do galinheiro.

Então, a galinha que perdera uma única peninha ao catar-se, não reconheceu a sua própria história, e como fosse uma galinha respeitável, disse lá com seus botões:

– Desprezo as galinhas como essas. Mas não serão as últimas. Há muitas mais dessa marca. Não se deve silenciar sobre tais coisas. Farei o que eu puder para que essa história saia nos jornais e corra o país todo. É o que merecem essas galinhas e também a família delas.

E a história saiu nos jornais, foi impressa, e uma coisa é verdadeira: uma única peninha pode facilmente transformar-se em cinco galinhas.

In *Contos de Andersen*. Tradução de Guttorm Hanssen. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HANS CHRISTIAN ANDERSEN (1805-1875), escritor dinamarquês, tornou-se um clássico da literatura com os seus *Contos*. Sua obra – contos de fadas e fábulas, colhidos do folclore ou criados por ele mesmo – foi traduzida no mundo inteiro e seduz os leitores pela ternura, pelo humor e pela imaginação.

Participe da conversa sobre o texto. Apresente seu ponto de vista sobre a conduta dos personagens e ouça o que pensam seus colegas.

Nos textos narrativos de ficção também há o ponto de vista de quem conta a história, que é chamado de **foco narrativo**. No texto de Andersen, o narrador não participa dos acontecimentos.

Produção de texto

Vamos reescrever esse texto mudando o foco narrativo? Imagine a seguinte situação: o galo, que é vaidoso, acredita que toda a história começou quando uma das galinhas arrancou as próprias penas para conquistá-lo. Como ele contaria essa história para outro galo?

Ao terminar de escrever seu texto, faça a revisão:

- Releia o texto para sentir se está satisfeito com ele e se, para o leitor, está claro;
- Melhore frases que você considera confusas;
- Observe se não há contradição, isto é, se você fez uma afirmação sobre um fato em uma parte do texto e noutra, negou a idéia;
- Veja também se as partes do texto estão em seqüência;
- Se tiver dúvida sobre o modo como alguma palavra deve ser escrita, consulte o dicionário;
- Releia novamente o texto, do começo ao fim, sem interrupção para perceber o que acha dele depois da revisão.

Aula 8

Uma semana e vários pontos de vista

O texto a seguir faz parte da propaganda da revista *Época*, e foi criado pela agência W/Brasil.

O publicitário imagina o ponto de vista que vários seres teriam sobre o significado de **uma semana**.

Para um preso, menos 7 dias

Para um doente, mais 7 dias

Para os felizes, 7 motivos

Para os tristes, 7 remédios

Para os ricos, 7 jantares

Para os pobres, 7 fomes

Para a esperança, 7 novas manhãs

Para a insônia, 7 longas noites

Para os sozinhos, 7 chances

Para os ausentes, 7 culpas

Para um cachorro, 49 dias

Para uma mosca, 7 gerações

Para os empresários, 25% do mês

Para os economistas, 0,019 do ano

Para o pessimista, 7 riscos

Para o otimista, 7 oportunidades

Para a Terra, 7 voltas

Para o pescador, 7 partidas

Para cumprir o prazo, pouco

Para criar o mundo, o suficiente

Para uma gripe, a cura

Para uma rosa, a morte

Para a História, nada

Para a *Época*, tudo.

O professor e os colegas vão conversar sobre o texto. Você também vai participar com suas opiniões.



Atividade 1 _____

Por que, para o preso, uma semana significaria menos 7 dias?



Atividade 2 _____

E para o doente, por que mais 7 dias?



Atividade 3 _____

Para os sozinhos, haveria 7 chances de quê?



Atividade 4 _____

Que culpa sentiriam os ausentes?



Atividade 5 _____

Por que, para um cachorro, 7 dias se tornariam 49 dias?



Atividade 6 _____

Por que os empresários teriam um ponto de vista matemático?



Atividade 7 _____

Que conta foi feita para ser possível dizer que 1 semana seria 0,019 do ano para os economistas?



Atividade 8 _____

Por que se afirma que 1 semana foi suficiente para criar o mundo?



Atividade 9 _____

Por que, para uma gripe, 1 semana significa a cura e, para uma rosa, a morte?



Atividade 10 _____

Por que 1 semana não significa nada para a História?

Qual é o seu ponto de vista?

E para você, o que significa uma semana?

Pense no assunto e escreva esse texto. Você pode apresentar um só ponto de vista, ou vários, em forma de lista.

